

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

LEONARDO MENDES GONÇALVES

**OS CONTOS DE LUÍS BERNARDO HONWANA E ONDJAKI: PERFORMANCES
LITERÁRIAS EM SALA DE AULA.**

Juiz de Fora - MG

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

GONÇALVES, Leonardo Mendes.

Os contos de Luís Bernardo Honwana e Ondjaki: Performances Literárias em Sala de Aula / Leonardo Mendes GONÇALVES. – 2017.

113 p.

Orientadora: Edimilson de Almeida PEREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2017.

1. Literatura africana. 2. Luís Bernardo Honwana. 3. Ondjaki. 4. Conto. I. PEREIRA, Edimilson de Almeida, orient. II. Título.

LEONARDO MENDES GONÇALVES

**OS CONTOS DE LUÍS BERNARDO HONWANA E ONDJAKI: PERFORMANCES
LITERÁRIAS EM SALA DE AULA.**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Especialização em História da África do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. Edimilson de Almeida Pereira

Juiz de Fora - MG

2017

Leonardo Mendes Gonçalves

**OS CONTOS DE LUÍS BERNARDO HONWANA E ONDJAKI: PERFORMANCES
LITERÁRIAS EM SALA DE AULA.**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Especialização em História da África do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em de de

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Edimilson de Almeida Pereira
Examinador UFJF
Orientador

Prof. Dr. Fernando Guadereto Lamas
Examinador UFJF
Orientador

Juiz de Fora – MG

2017

RESUMO

Este trabalho apresenta um roteiro didático-metodológico sobre o uso de contos nas aulas de literatura, pensando na inserção de escritores africanos – Ondjaki e Luís Bernardo Honwana – como tendências literárias contemporâneas em língua portuguesa. Assim, pretende-se criar espaços discursivos em torno de temáticas inseridas na produção de ambos os escritores em sala de aula, construindo diversos imaginários existentes nos contos. O corpus literário – *Os da minha rua* e *Nós matamos o Cão Tinhoso* - escolhido abarca questões cara à literatura tanto de Angola quanto de Moçambique. Portanto, pretendemos trabalhar em sala de aula questões que possam vir a surgir referente a questões relacionadas a processos identitários, de alteridade, oralidade, tradições, processos históricos, a memória, e categorizações propriamente do conto. A opção pelo conto se baseia na escolha de um gênero literário mais rápido no sentido de leitura em sala de aula, bem como é realizar atividades em sala de aula com o gênero supracitado, contribuindo na formação do leitor-aluno.

Palavras-chave: Literatura africana. Luís Bernardo Honwana. Ondjaki. Conto.

ABSTRACT

This work presents a didactic-methodological guide on the use of short stories in literature classes, thinking about the insertion of African writers - Ondjaki and Luís Bernardo Honwana - as literary contemporary literary tendencies in Portuguese language. Thus, it is intended to create discursive spaces in thematic laths inserted in the production of both writers in the classroom, constructing several imaginary existing in the stories. The literary corpus - Those of my street and We kill the Tiny Dog - chosen covers issues facing the literature of both Angola and Mozambique. Therefore, we intend to work in the classroom questions that may arise regarding issues related to identity processes, alterity, orality, traditions, historical processes, memory, and categorizations proper of the story. The option for the story is based on the choice of a faster literary genre in the sense of reading in the classroom, as well as performing classroom activities with the aforementioned genre, contributing to the formation of the reader-student.

Key-words: African Literature - Luís Bernardo Honwana – Ondjaki – Short story.

SUMÁRIO

1 PARTE I – Apresentação do material didático	
1. 1 Introdução	p. 18
1. 2 Justificativa	p. 19
1. 3 Considerações sobre o material didático	p. 21
1. 4 Metodologia	p. 31
2 PARTE II – Material Didático	p. 34
3 PORTFÓLIO	p. 91
4 REFERÊNCIAS	p. 112

Parte I - Apresentação do material didático

1. Introdução

A construção deste trabalho didático abordando o conto em Angola e em Moçambique, a partir de dois escritores africanos, no caso Luís Bernardo Honwana e Ondjaki, se torna requisito para a obtenção ao grau de especialista lato sensu em História da África pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Este material didático se insere na prerrogativa de pensar a aplicabilidade da Lei 10.639/03 que propõe o ensino da História da África nas escolas brasileiras, assim também como perceber as marcas da presença africana na cultura afro-brasileira. Desta forma, assim declara a referida lei, “os estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.”¹ A lei deixa em evidência a obrigatoriedade de os professores em quaisquer níveis do ensino elementar trabalhar conteúdos, temáticas relacionadas ao continente africano. Outro objetivo é que este material se torna um produto final, de alguma forma refletindo e consolidando os 12 meses de aulas no curso e projeta-se como uma síntese da pesquisa e reflexão produzida durante este tempo.

Ainda pensa-se que esta atividade de alguma forma poderá ser útil nas salas de aulas durante as aulas de literatura à medida que apresentará dois escritores africanos em espaços de tempo e territórios distintos. Honwana sendo moçambicano, um notável escritor e militante da luta pela independência de Moçambique lá pelas décadas de 60, e que literariamente publicou apenas um livro de contos, contudo alcançou grande repercussão por sua obra *Nós matamos o Cão-Tinroso* ao ser considerada como uma das obras fundacionais da literatura moçambicana moderna; e de outro lado Ondjaki, angolano, escritor jovem, bastante conhecido no Brasil, uma vez que suas obras ganharam de forma significativa o mercado editorial brasileiro e por sua poética escrituração literária.

Desta maneira, conhecer as obras demarcadas possibilita a divulgação e a ampliação no espaço escolar com obras literárias por vezes desconhecidas como

¹ Esta lei está disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em 07 jan. 2017.

as de Honwana e por outro lado conhecer as produções já inseridas e de maior acessibilidade como as obras de Ondjaki.

2. Justificativa

Justifica-se a elaboração deste trabalho no sentido de desconstruir um imaginário de África torpe, vista apenas pelo ângulo de um continente em constante retrocesso por conta das diversas calamidades sociais, políticas e econômicas que venha a ter. A partir desta perspectiva, não é negar tais situações, mas também não somente reduzir o continente africano em apenas estereótipos negativos, mas além disso mostrar a busca da identidade vista na defesa da construção de um país sem a presença do colonialismo europeu que tanto massacrou tantos países em África por muitos séculos.

O instrumento didático aqui construído propõe utilizar a memória como processo recuperativo de uma história construída através da ficcionalidade, retratando a luta do povo angolano e moçambicano na construção de sua nação. Essa memória está nos contos que os alunos irão ler e perceber flashes da história tanto de Angola quanto de Moçambique retratada pela ficcionalidade nas breves narrativas, mas contudo esses eventos perpassam pelo crivo da história real desses povos.

Daí este material ser imaginado na promoção de um continente multicultural, heterogêneo, oferecendo por meio da literatura e outras manifestações culturais artifícios para a concepção de um novo imaginário referente à África, perpassando pela afirmação de um território que luta contra os vários estigmas remanescentes e impostos pelo sistema colonizador.

Tratando-se da escolha do gênero conto, daremos ênfase neste tipo de texto, uma vez que esta forma de narrativa é mais rápida e breve em relação a outras formas tais como o romance. Os contos por suas intrínsecas características podem despertar nos leitores diversos interesses, pois eventualmente não se sentirão intimidados pela extensão.

Mediante ao exposto, entendemos que a leitura de tais textos em sala de aula proporciona um apanhado mais rico e complexo das estruturas e categorizações pertencente a este gênero, bem como a discussão de pontos de vistas que enriquecerão as aulas de literatura africana.

E Silva confirma que a leitura de contos pode ser proveitosa e dinâmica

A leitura de contos pode estimular o aluno-leitor a encontrar, na leitura literária, uma forma lúdica de entender melhor sua própria realidade. Ao ler narrativas curtas, que exijam uma resposta mais rápida e dinâmica do receptor, o aluno pode se sentir mais atraído pelo texto. (2005, p.93).

As temáticas presentes nas narrativas guiarão as discussões que contribuirão numa perspectiva mais crítica e mais consciente dos problemas vividos pelos países em África. Além do mais, este trabalho pode ajudar na reflexão da realidade brasileira no que tange aos infortúnios sociais gerados por interesses escusos análogos como o racismo, questões de gênero, de identidade, de alteridade.

O estudo de literaturas em sala de aula possibilitará refletir além dos mecanismos linguísticos e artísticos de dada característica referente ao estilo cultural, perceber os aspectos culturais e históricos, numa perspectiva que ultrapassa simplesmente a uma questão narrativa, pretendendo entre outras questões desenvolver uma percepção crítica por meio dos contos, levando a uma reflexão acerca do universo que cada escritor desenvolveu em sua trajetória literária, pensando até mesmo de maneira intencional na realidade social em que vivia. Desta forma, a literatura é um instrumento capaz de transpor barreiras ao fomentar discussões em locais propícios como em rodas de conversas, saraus, convenções e em sala de aula.

Por fim, este material pretende-se ser aplicado com turmas do 3º terceiro ano do Ensino Médio. Esta escolha se justifica uma vez que a maior parte dos livros didáticos de literatura trabalha o panorama da literatura africana nesta série, após ter perpassado por outras literaturas como a brasileira. O tempo para a execução deste material é 3 (três) semanas a fim de que todas as tarefas sejam cumpridas e realizadas com eficácia.

3. Considerações sobre o material didático e sobre a literatura angolana e moçambicana em sala de aula

De maneira geral, as literaturas africanas pouco a pouco ganham notoriedade por parte dos leitores brasileiros e em especial nos ambientes escolares, às vezes exclusivamente nas aulas de literatura no terceiro ano do ensino médio, portanto ainda com uma sutil timidez.

O continente africano tem se tornado um berço de novos escritores que tem alcançado o mundo devido a maneira de escrever, por elas encantarem os leitores devido a poética presente nessas obras. A literatura africana além de possuir extrema beleza poética, traz em sua essência questões diversas como discursos de alteridade, de ancestralidade, processos diaspóricos, de identidade, de gênero e muitas outras questões.

Com o intuito de apresentar as literaturas africanas, esse material didático foi construído em formato de roteiros de aulas, contemplando os conteúdos propostos:

- a) estudo do gênero conto,
- b) breve panorama da literatura angolana e moçambicana
- c) escritores africanos
- d) Produção de texto (conto)

Como dissemos anteriormente tais temas devem aguçar no aluno o interesse e o desejo de se manifestar de postura crítica e com coerência com os posicionamentos nascidos a partir da leitura dos contos. Desta forma, os alunos conhecerão um breve panorama da literatura especificamente de Angola e de Moçambique, já que são os países em ênfase, mas advertimos que isso não impede de abordar outros países de língua portuguesa como Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe dentre outros.

Essas duas expressões literárias a princípio devem ser entendidas como uma extensão daquela produzida na metrópole, isto é, entender primeiramente a produção literária produzida anteriormente aos processos de independência e o não reconhecimento de uma literatura sólida ao que se refere propriamente aos critérios e paradigmas estéticos nesses países.

Neste primeiro momento, basicamente é apresentar aos alunos o processo literário exterior, que não é propriamente nacional. Os padrões estéticos literários ainda estão apegados àqueles produzidos em Portugal onde muitos escritores africanos inseridos naquele contexto os reproduziam.

As relações entre metrópole e colônia estabelecia além de conexões econômicas, políticas e sociais; relações estético-culturais; isto é, sob o mesmo ponto de vista também influenciava questões relativas às manifestações culturais de outros países africanos. A produção literária portuguesa por alguns anos veio a interferir as recentes relações literárias em Angola e em Moçambique.

Iris Amâncio (2008, p. 162-3) elaborou um levantamento da produção literária africana em língua portuguesa a partir do ano de 1980 em três segmentos, contemplando o gênero lírico, narrativo e dramático, que pertencem à literatura colonial e pós-colonial. Desta maneira, encontramos os nomes de Ondjaki e de Luís Bernardo Honwana nesse levantamento como literatos consagrados a partir de meados de 1980.

Ao que se trata da literatura colonial produzida anterior à década de 1960, Francisco Noa (2015) agrupa a expressão e experimentação dessas múltiplas tendências discursivas inseridas em três fases comumente adotada como parâmetros para se trabalhar a representatividade na literatura colonial, a saber a fase exótica, a fase doutrinária e a fase cosmopolita.

[...] fase exótica... projeta representações paisagísticas ou do humanas dominadas pelo culto do desconhecido, do surpreendente. [...] a fase doutrinária... há um discurso que vai se impondo e que liga os destinos do país, a identidade e a consciência nacional aos territórios colonizados. Em termos conjunturais, este é um período marcado, em termos políticos, pela alteração de alguma terminologia que caracterizava o discurso colonial em que a expressão “províncias ultramarinas” substitui o “colônias”, o termo “assimilação” substitui “solidariedade”.(p. 50 – 60)

Estas designações estão inseridas nas literaturas coloniais. Francisco Noa faz uma elaborada incursão na expressão literária em língua portuguesa por meio dessas fases.

A contribuição da literatura em países de expressão em língua portuguesa era denunciar o sistema colonialista através das letras, mesmo no aparecimento e expansão com características estéticas aos moldes europeus. Os escritores africanos iniciaram o projeto literário usando as tessituras literárias a fim de

expressar as relações de poder existente nos processos colonialistas. Diversos prosadores e poetas tiveram formação europeia, tendo contato com diversas correntes artísticas, portanto tinham como base com os padrões eurocêntricos.

Ondjaki e Luís Bernardo Honwana são escritores que ressaltam a importância da cultura nacional como mecanismo de busca pela valorização e a busca da independência de seus países por meio da produção literária.

A língua que é utilizada nas obras dos escritores africanos é a do colonizador – em questão a língua portuguesa. Muitos escritores como Honwana, Ondjaki, Mia Couto, por exemplo, inserem nos textos elementos da oralidade. De acordo com Secco (2008, p.26), existe uma sacralidade por detrás das tradições orais, o continente africano consistia num verdadeiro berço de tradição em que os mitos, os contos, as fábulas eram passadas de geração em geração. Portanto, o papel dos mais velhos era transmitir os ensinamentos, os conselhos aos mais jovens para que houvesse o desenvolvimento da sociedade e que as tradições passadas não se perdessem.

Entender a produção inserida no conceito de literatura pós-colonial, aqui concebida como o texto literário que aborda questões ligadas aos primeiros momentos de contato com a colonização e suas consequências. As constantes experiências coloniais geraram tensões que demarcaram o universo social, político e econômico gerando relações truculentas nas relações entre colonizado e colonizador, nas relações de trocas.

Neste contexto, podemos inserir os escritores deste trabalho neste contexto, porque se preocupam em contextualizar os problemas gerados pelos longos anos do colonialismo africano. Ademais veremos apenas um recorte da trajetória da produção literária de cada escritor.

Luís Bernardo Honwana em toda a sua vida escreveu apenas um livro em que reuniu alguns dos seus principais trabalhos no período em que esteve preso. *Nós matamos o Cão-tinioso* faz parte da série de autores africanos publicado no Brasil pela editora Ática na década de 80, além de outros nomes da vertente africana. Foi um grande passo dado pela editora, no sentido de que as escrituras literárias em África alcançassem os leitores em terras estrangeiras. Conhecer alguns desses escritores contribuem para o conhecimento de novas literaturas em língua portuguesa, expressando o caráter comum existente entre o Brasil e países

como Angola, Moçambique, e outros que tem a língua portuguesa como língua oficial.

O trabalho de Luís Bernardo Honwana mostra a singularidade e a poética presente nos seus textos. Honwana basicamente se destacou através de seus contos. Estes por sua vez tratam de questões existenciais, refletindo profundas questões humanas que permeiam o universo africano como viver em meio ao racismo. Assim o conto "*As mãos dos pretos*" (1964) narra um fato relacionado ao racismo social. O fato em questão no conto é a incidência da cor clara nas palmas das mãos de pessoas negras apresentarem uma clareza em relação a outras regiões do corpo humano. E nesse ponto diversos discursos de racismo são efetivados.

O trabalho com a temática acerca de racismo, segregação racial se faz essencial, já que o ambiente escolar possibilita gerar no aluno uma consciência mais humana e cidadã dos discursos hostis e raciais que ainda imperam na sociedade. Por meio da discussão e dos diálogos gerados, intenta-se entender o outro a partir das suas diferenças, percebendo o quanto o mundo é tão multicultural e heterogêneo. No mais essa leitura se torna eficaz na construção identitária de muitos estudantes, pensando na posição de quem cria os argumentos para o surgimento da subalternidade, do racismo tão brutal e presente no dia-a-dia, e contribuindo de maneira significativa a fim de conter toda forma de racismo.

Analisando o conto, percebemos que a figura do professor como um elemento que exerce uma relação de poder. Não somente no conto em questão, mas como também em *Nós matamos o Cão-Tinioso* de Luís Bernardo Honwana e *Nós choramos pelo Cão-Tinioso* de Ondjaki, que em certo ponto a senhora professora é alguém que transmite um discurso e dentro daquele espaço social, aquilo dito por ela se torna uma verdade, talvez inquestionável. Essa relação equivale a existência de um grupo de poder que persevera esse estereótipo por meio de um discurso puramente racial.

O conto ainda traz à tona o discurso racial do padre, que diz que aquele que está naquela condição de ter as mãos mais claras em relação ao restante do corpo eram sujeitos imprestáveis.²³ O catecismo é revelado como uma

instrumentação doutrinária em que aqueles que participavam apenas poderiam estar em pleno acordo com a doutrinação.

Lembrei-me disso quando o Senhor Padre, depois de dizer na catequese que nós não prestávamos mesmo para nada e que até os pretos eram melhores do que nós, voltou a falar nisso de as mãos deles serem mais claras, dizendo que isso era assim porque eles, às escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar. (HONWANA, 1980, p. 75)

A história é relatada por um narrador autodiegético que revela os fatos. Desta maneira, o narrador vai explicando a personalidade de alguns personagens da trama. Por exemplo, para justificar a construção da personagem Dona Dores, o narrador menciona a existência de Deus na criação dos negros e o fato de suas mãos serem mais claras em relação as outras partes do corpo. Toda a explicação contida no decorrer do conto perpassa por um ponto de vista exclusivamente do racismo.

Desta maneira, o conto é encaminhado para uma resposta por tal fato e o conto novamente revela que a razão estaria na vontade de Deus. O discurso do surgimento do negro se baseia no critério religioso. Conta a narrativa que houve a reunião de santos no céu com o objetivo de fazer pretos. A criação dos pretos se fazia nos moldes de uma oficina, efetuando uma linha de produção.

O modo de execução gerava piadas e chacotas devido ao fato de que as palmas das mãos saiam claras. Já para a fabricação de pessoas clara, de acordo com a narrativa após criadas deveriam tomar banho no rio a fim de eliminar a tonalidade escura presente na pele. A clareza das mãos dos pretos se justificava por que os negros apenas lavavam as mãos em decorrência da água fria, pois foram feitos de madrugada.

Este conto enseja explicitar a origem dos negros por meios de histórias que se tornavam populares entre as pessoas, portanto sem nenhuma sustentação científica. Essas narrativas estavam no plano da oralidade, apenas no aspecto da tradicional de geração em geração que se faz ser uma das características de muitas sociedades africanas que viam através da oralidade o meio eficaz de conservação e manutenção das diversas narrativas que já se perdiam em decorrência do duro período de guerras nos muitos países em África.

³ HOWANA, Luís Bernardo. **Nós matamos o Cão-Tinroso**. São Paulo: Ática, 1980, p.77.

No decorrer do conto de Luís Bernardo Honwana, algumas justificativas para basear e consolidar as mãos claras são elencadas. Em algumas passagens do texto, essa clareza se justificava pelo algodão da região da Virgínia. Historicamente, esta localidade está intrinsecamente ligada como uma região onde recebeu muitos escravos no momento da diáspora e compra e vendas dos negros em terras norte-americanas. O trabalho nesta colônia inglesa está na coleta de algodão que moviam os setores industriais. A escravidão se tornava sólida em decorrência de tais modos de operação de trabalho.

O narrador expressa sua conclusão relacionada aos diversos pontos de vistas que mostravam as razões para o surgimento do negro. Desta maneira, para ele somente sua mãe possuía uma opinião mais consolidada e mais confiante. Neste quesito, o aspecto emocional é utilizado.

De acordo com o discurso da mãe

Deus fez os pretos porque tinha de os haverá. Tinha de os haver, meu filho, Ele pensou que realmente tinha de os haver.... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para casa deles para os pôr a servir de escravos ou pouco mais. Mas como Ele já não os pudesse fazer ficar todos brancos, porque os que já se tinham habituados a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exactamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes porque é que foi? Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem é apenas obra dos homens...Que o que os homens fazem é feito por mãos iguais, mãos de pessoas que se tivessem juízo sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos. (HONWANA, 1980, p. 77)

As plantas dos pés e das mãos são de acordo com o texto, as partes do corpo humano que os negros haviam lavado em decorrência do frio da madrugada.

Outro conto de Luiz Bernardo Honwana é Nhinguitimo. Uma correspondência para a palavra que leva o título do texto, geralmente que indica um vento de tempestade. Esta narrativa retrata o início das colheitas em Moçambique e mostra alguns personagens em meio a colheita do milho. Percebe-se na trama criada pelo escritor moçambicano a preocupação de criar uma narrativa propensa a criar e a descrever o terreno agrícola para produção familiar cujas plantações estavam nos milhos. Além disso, a presença da natureza é

visível, a tempestade anunciada e pressentida e suas consequências. A retratação de noite úmidas é caracterização do espaço geográfico visualizado pelo escritor que atribui a literatura como veículo recriador desse espaço.

O recurso da descrição se faz notável nos contos de Honwana. Nessa passagem vê-se a descrição da noite

Naquela noite, quente, terrivelmente úmida, em que parecíamos mergulhados num líquido morno, pegajoso, estava eu a olhar para a escuridão da rua, sinceramente chateado com tudo o que ouvia dizer à minha volta (...). (HONWANA, 1980, p. 82)

De maneira geral, a narrativa traz a história de Alexandre Vírgula Oito, personagem central em torno de quem sucede a narrativa, é caracterizado como um personagem negro e um trabalhador rural, já que cuidava das maçambas, que eram cultivo de plantações de milho. Portanto é nesse ínterim que o personagem principal pensa que pode ter lucros já que as fortes tempestades – nhinguitimo - não alcançariam suas plantações devido ao fato de as árvores estarem protegendo-as.

Diante deste fato, existi um pensamento de mudança nas relações sociais. O empregado almejaria a mudança de status social, já que suas plantações renderiam lucros para Vírgula Oito. O grande fator trágico da narrativa é que suas terras são colonizadas, e conseqüentemente ele e sua família seriam expulsos daquela terra.

Ao que se trata de Ondjaki, o material didático fará uma abordagem nos processos da construção identitária de Angola pelo viés de movimentos sociais. O estudo do conto “*Os quedes vermelhos da Tchi*” possibilita perceber as marcas que surgem de adesão ao sistema socialista em Angola. No decorrer da trama são mencionadas simbologias que buscam remeter o leitor a tais figurações históricas deste país que se declarou favorável ao regime socialista.

A razão da inserção do socialismo nos países africanos remontou a cooperação oferecida por Lenin. Um das ideologias assumidas foi a defesa dos interesses nacionais, portanto as lutas internas por libertação dos antigos colonizadores se tornava essencial.

A ampla associação de países pertencente ao regime socialista de acordo com Thiam e Mulira (2010) agiu de maneira constante em quatro intervalos bem

característicos de um mundo em revolução. Daí vê-se o socialismo penetrar nos países africanos desde 1917. Nos anos seguintes, até 1945, os soviéticos influenciaram de maneira direta os partidos políticos ao redor do mundo. Já de 1945 a 1965, ocorreu uma significativa influência dos países socialistas em apoio aos movimentos de libertação locais, almejando a construção e a ascensão de certo nacionalismo.

Portanto países como Angola e Moçambique, embora este não tenha relações tão firmes e fortes como aquele, ganham espaço para discutir questões autóctones na literatura. O terceiro momento histórico, 1960 a 1975, verificou-se uma desaceleração do processo intervencionista em diversos países em África. Os anos 70, uma década de lutas ferrenhas no propósito de eliminar o colonialismo, as pressões de subalternidade impostas por países europeus.

A justificável usada por Lenin para que o continente africano se tornasse um território tomado pelo socialismo se justificava por esse continente apresentar uma conjuntura econômica singular, logo permitiria criar uma sociedade edificada longe dos moldes do estágio. Sem sombra de dúvida, o empreendimento contra o imperialismo em África estava consumado com o avanço dos movimentos anticolonialista a partir do final da Segunda Guerra Mundial.

Para Thiam e Mulira, existe uma forte colaboração para a descolonização em África em perspectiva da ampliação de forças socialistas

Após ter traçado os mecanismos e as vias para a colaboração com os movimentos anticolonialistas, o mundo socialista engajou-se em um programa de apoio ativo à descolonização definitiva da África, sob a forma de uma assistência material e diplomática, oferecida em conformidade com o princípio marxista-leninista, segundo o qual, o mundo socialista deveria ajudar àqueles que aspirassem à descolonização. [...] o mundo socialista, preocupado em assegurar a sua independência política, acordou, voluntariamente, a sua ajuda à maioria dos nacionalistas africanos, atribuindo-se o posto de guardião da independência africana, [...] (2010, p. 970)

Os contos de Ondjaki refletem em algumas outras narrativas, o espírito presente de forças socialistas na sociedade angolana. Inúmeras são as imagens, simbologias que comprovam e revelam uma memória de Angola sob as ordens socialistas. Inclusive o espaço escolar é um território em que tal regime se encontra presente devido as suas políticas como é o fato da vinda de professores soviéticos e cubanos para os países africanos, cujo objetivo era o

estabelecimento de pesquisas científicas consolidando uma relação colaborativa entre instituições soviéticas e africanas.

Como exemplo da presença desses professores, há romances e contos que é perceptível a relação de poder que eles exercem como é o caso de contos de Ondjaki e seus romances tais como *Bom dia*, *Camaradas* e *Avó Dezanove e o segredo do soviético*.

Sobre ainda essas duas obras, de acordo com Valdemar Valente Junior (2014, p. 227)

O ponto de vista da infância como matéria-prima referente a um espaço de tempo que corresponde aos últimos anos da colaboração de soviéticos e cubanos, quando o socialismo sofreu um duro revés, simbolizado pela derrubada do muro que o separava do capitalismo. A experiência socialista em Angola, na voz do menino-narrador, põe a olhos nus a imposição de um regime que, por conta da situação incontornável que envolve a guerra civil, deixa poucos espaços ao debate, suscitando questionamentos que aprofundam o caráter personalista do poder.

A memória, recurso utilizado por Ondjaki, é construída a partir de fatos vividos, projetando intensas lembranças que projeta no individual e no coletivo. É nesse movimento entre individual e coletivo que a memória norteia o sujeito no percorrer de suas lembranças, interagindo com os estudos de Maurice Halbwachs.

A memória do coletivo está contida nas experiências e vivências de um povo angolano. A inserção da telenovela brasileira a partir dos anos 80 naquele país, por exemplo, toca nessas lembranças ao sentirem entusiasmados e com a expectativa de estarem juntos para assistirem aos episódios de Roque Santeiro, O Bem Amado e depois daqueles encontros recontarem os finais das telenovelas, isto é o processo da oralidade tão bem presente na vida dos povos africanos como bem demonstra o conto “*a televisão mais bonita do mundo*”.

Perceber os fios condutores que demarcam tais traços da memória da coletividade parte de uma perspectiva intimista que é a lembrança do narrador-personagem que testemunha diversas histórias pelos olhos de um personagem infantil, exibindo uma epifania de uma terra pós-independência, marcado por um lirismo marcado, pela prosa cotidiana, expressando diversos cenários como a reconstrução da infância no tempo da escola coabitando esse espaço com professores cubanos, os conflitos da vida familiar, do regime socialista implantado

em seu país, com a própria reconstrução do país em decorrência dos diversos conflitos civis.

Amâncio (2008, p. 67) relata que conhecer os textos da literatura africana, neste caso a angolana, implica conhecer os combates inseridos nas produções literárias a partir dos anos 40 e 70, fortemente contra a colonização portuguesa. Ainda Amâncio destaca o caráter engajado assumido por essas literaturas, sendo contra as ideologias do sistema colonial, já que se constituem como um instrumento de denúncia contra a opressão e a desumanidade causada pelas consequências do colonialismo.

Em síntese, através da literatura é possível mapear os possíveis temas que devem ser alcançados em sala de aula. Através dos contos, pode-se discutir e criar uma consciência positiva, promovendo os valores tais como o respeito pelo outro. Além disso, a literatura oferece caminhos diversos que visam o despertar da imaginação, possibilitando através do ficcional representar o real, pintando qualquer sociedade em qualquer intervalo de tempo.

Portanto a literatura tem o seu valor e sua real significância em sala de aula, pois como afirma Todorov

A literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (2009, p. 23-4)

4. Metodologia

Nesta parte, iremos apresentar algumas sugestões que poderão ser eficazes na aplicação do material didático produzido. Antes de propriamente iniciarmos a explanação, devemos mencionar que a metodologia trata basicamente de criar métodos que visem atingir um público de maneira eficaz, trazendo compreensões de competências e habilidades, portanto é um recurso que pode ser usado passo a passo.

O termo latino *methodus*, em português significa método. Daí a metodologia terá como princípio mostrar o caminho pelo qual o professor deve seguir a fim de utilizar o material didático, pensando em questões eficazes que possam levar os alunos a compreenderem a essência das diversas questões propostas.

Vejamos alguns das metodologias que serão utilizadas:

A. Primeiro Contato

O professor, nesta etapa, convidará os alunos a pensarem no que eles conhecem por literatura africana. Fará perguntas para perceber se os alunos conhecem algum escritor oriundo do continente africano, além de saber quais foram as primeiras impressões das leituras casos tenham feito. Este momento consistirá numa etapa chamada de pré-leitura e ela visa exclusivamente ativar os conhecimentos dos alunos acerca do conteúdo que será trabalhado.

Após respondidas as questões levantadas pelo professor, os alunos serão convidados a assistirem ao vídeo “Como definir a literatura africana?”, exibido no programa LiteratusTV #15⁴. Este vídeo apresenta uma breve explicação do que se trata o termo literatura africana, e apresentando dois escritores africanos, falando respectivamente dessa literatura.

A disposição da sala consistirá de um formato circular.

⁴ Este vídeo pode ser acessado no youtube através do programa Literatus Tv. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ux_9DXk1sLo. Acesso em 31 dez. 2016.

B. Apresentação do Panorama Histórico – Literário

Nesta etapa, o foco será voltado para uma breve contextualização histórica e literária de Angola e Moçambique. Enfatizando a construção desses países perpassando pelo sistema colonial e pós colonial, com o objetivo de perceber nos textos literários marcas que evidenciam tais elementos na produção literária dos escritores.

Além dessas informações, pode ser feito um trabalho interdisciplinar ao contemplar as disciplinas de História e Geografia, pois torna-se essencial o aluno conhecer a história desses países, bem como aprender a localização geográfica desses países, além das características climáticas, sociais, políticas de ambos os países.

Após esse breve panorama, pretende-se apresentar uma curta biografia dos escritores mencionados neste trabalho com o objetivo dos alunos conhecerem de maneira elementar a trajetória dos escritores.

C. Leitura dos textos literários

Nesta etapa, as cópias dos contos pré-selecionados e a folha de atividades serão entregues aos alunos. Antes de propriamente acontecer a leitura dos contos, será retomado de forma rápida as categorias e características do gênero conto, enfatizando os elementos essenciais desse gênero textual tais como o foco narrativo, personagens, tempo, espaço, clímax.

Já a leitura literária promoverá a sintetização dos fatos políticos e sociais que podem ser identificados na análise dos contos.

Para a leitura dos contos, o professor pode dividir a turma em grupo e/ou convidar os alunos para fazerem a performance do texto, lendo e incorporando a voz de uma personagem a fim de que a leitura fique mais viva e dinâmica.

O Conto *Nhinguitimo* pode ser dramatizado pelos alunos pela extensão do conto, sugerimos que seja planejado a execução de um teatro por parte dos alunos, apresentando-o para o restante da turma.

Após cada leitura, sugere-se que os alunos possam realizar as atividades após os comentários. Os exercícios foram planejados como um fio condutor para

se pensar as questões temáticas dos textos e também na compreensão interna do gênero conto.

Como atividade final, recomendamos que o aluno escolha outros contos de Luís Bernardo Honwana da obra “*Nós matamos o Cão-Tinhoso*” e outros textos do livro “*E se amanhã o medo*” de Ondjaki, após escolhido os textos a atividade consistirá na redação de um conto a partir daqueles escolhidos e lidos, evidenciando questões históricas, geográficas, religiosas, artísticas, culturais, sociais nesses países e que sejam usadas como temáticas, utilizando os recursos da literatura para recriar um universo em analogia a escritas dos escritores.

D. Pesquisa literária: levantamento biográfico de outros escritores africanos em língua portuguesa

Os alunos deverão fazer uma pesquisa literária contemplando escritores de literatura de outros países como as de Cabo Verde, Guiné Bissau, Guiné Equatorial, São Tomé e Príncipe, além de Angola e Moçambique. Desta maneira, eles poderão construir uma linha do tempo com as datas mais significativas na história desses países, tais como a chegada dos portugueses, a colonização, o período de independência, a biografia dos escritores que o grupo escolheu, e o corpus literário que deverá ser escolhido, apresentado para os colegas e o professor, fazendo uma apresentação que pode ser em formato de seminário, de teatro, de recitação de poemas, ponderando os aspectos mais relevantes que perceberam.

Além das informações históricas, pode se fazer um painel de atualidades dos respectivos países construído a partir das considerações e percepções dos grupos, que reforcem as riquezas culturais desses países.

A última atividade será a escrita de um conto. O objetivo é que o aluno escreva acerca de suas experiências pessoais de uma maneira literária. Assim os contos de Ondjaki e Honwana podem contribuir como referência de redação, uma vez que as narrativas desses escritores abarcam experiências pessoais.

Parte II – Material didático Literatura Africana em Língua Portuguesa

A. Conhecendo e discutindo o tema.

- a. O que é literatura africana para você?
- b. Você conhece escritores que escrevem sobre a temática africana?
- c. Quais assuntos eles trabalham ou podem explorar em seus textos?

Após você ter pensando e respondido as questões acima, você irá ler um fragmento do texto do poeta martinicano Aimé Césaire acerca do colonialismo e em seguida outros que conceituam esse termo. Boa leitura.

Texto I: Discurso sobre o colonialismo

Uma civilização que se revela incapaz de resolver os problemas que seu funcionamento suscita, é uma civilização decadente.

Uma civilização que prefere fechar os olhos aos seus problemas mais cruciais, é uma civilização ferida.

Uma civilização que ilude seus princípios é uma civilização moribunda. Os fatos são: primeiro, a civilização dita “europeia”, a civilização “ocidental” tal como dois séculos de regime burguês a talharem, é incapaz de resolver os dois problemas maiores aos quais sua existência deu origem: o proletariado e seus problemas, e o problema colonial; segundo, quer no campo da “razão”, quer no campo da “consciência” a Europa é importante para se justificar; terceiro, que cada vez mais (a Europa) se refugia numa hipocrisia tanto mais odiosa quanto cada vez menos tem possibilidades de se enganar.

A Europa é indefensável!



Foto 1. Aimé Césaire
Disponível em
<[http://www.escritas.org/autor
es/aime-cesaire.jpg](http://www.escritas.org/autor/es/aime-cesaire.jpg). Acesso
em 10 dez. 2016.

Parece que é isto que intimamente constata os estrategemas americanos. Isto, em si, não é grave.

O que é grave é a Europa ser, moral e espiritualmente indefensável.

E hoje constata-se que não são apenas as massas europeias que incriminam, mas que a acta de acusação é lavrada no plano mundial por dezenas de milhões de homens que, do mais baixo da sua escravidão se erguem os juízes.

É permitido matar na Indochina, torturar em Madagascar, prender na África Negra e seviciar nas Antilhas. Mas os colonizados sabem, doravante, que tem uma vantagem sobre seus colonialistas: sabem que seus senhores mentem.

Portanto, que os seus senhores são fracos (...) vamos direto à mentira principal a partir da qual proliferam todas as outras.

Colonização e civilização?

A acusação mais comum nesta matéria é a de ser-se enganado de boa fé por uma hipocrisia coletiva, hábil em mal expor os problemas para melhor legitimar as soluções odiosas que lhes propõe.

Equivale isto a dizer, aqui, o essencial é ver claro, pensar claro, ouvir perigosamente, e responder claramente à inocente questão inicial: o que é em princípio a colonização? É de convir que não é nem evangelização, nem empreendimento filantrópico, nem vontade de fazer recuar as fronteiras da ignorância, da doença e da tirania, nem a expansão em nome de Deus, nem do Direito. Há que admitir de uma vez por todas, sem receio de tropeçar em consequências, que, neste caso, o gesto decisivo pertenceu ao aventureiro e ao pirata, ao grande mercador e amador, ao que buscava o ouro e ao merceeiro, ao apetite e à força, tudo seguido pela sombra negra e maléfica de uma forma de civilização que, a um dado momento da sua história se vê obrigada, internamente, a estender à escala mundial, a concorrência as suas economias antagônicas.

Prosseguindo minha análise, acho que a hipocrisia é de recente data; porque nem Cortez descobrindo o México do alto do grande teocalli, nem Pizarro frente a Cuzco (e ainda Marco Pólo frente a Cambaluc), afirmam ser os mandatários duma ordem superior; e matam; e pilham; e tem capacetes, lanças e cupidez; os hipócritas só vieram mais tarde (...) às quais só podiam seguir-se as abomináveis consequências coloniais e racistas que vitimaram os índios, os Amarelos, e os Negros. (...)

A colonização foi realmente contato? Ou se preferem, de todas as maneiras de estabelecer o contato vai uma distância infinita; que, em todas as expedições coloniais, em todos os estatutos coloniais elaborados, em todas as circulares ministeriais expedidas, não se consegue encontrar um único valor humano.

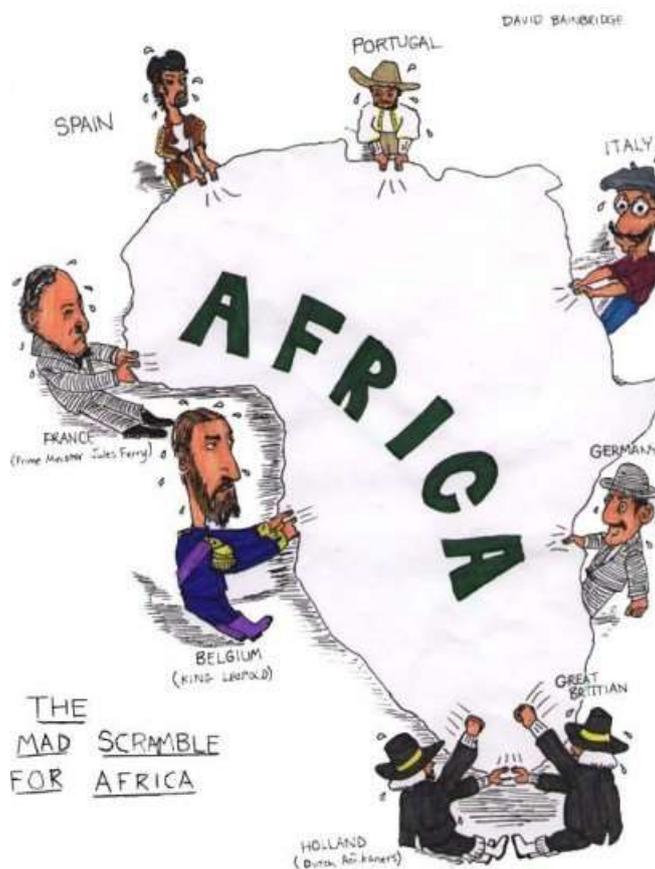
CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**. Lisboa: Sá da Costa, 1978, p.14-15.

Texto 2:

COLONIALISMO *s.m.* política pela qual uma nação mantém sob seu domínio econômico, político ou cultural outra nação ou território.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004, p. 169.

Texto 3:



Disponível em < <http://3.bp.blogspot.com/-ewkgLjJCzY0/T8losLgoCAI/AAAAAAAAAABY/Du621qKuqTM/s1600/charge+do+imperialismo+na+afrika.jpg> >. Acesso em 13 jan. 2017.

1) A partir dos textos motivadores acima como se pode definir o termo colonização?

2) Qual o tom presente no discurso de Césaire em relação ao colonialismo?

3) Como é a civilização relatada por Aimé Césaire?

4) É possível perceber de acordo com o texto I que existem consequências causadas pelo colonialismo. Essas consequências ainda são encontradas no dia-a-dia?

5) Comente a charge, texto III, explicando com suas palavras o que você percebe na ilustração. Relacione os textos I e II para construir seu entendimento.



É importante que você tenha em mente o conceito de **COLONIALISMO**, já que Angola e Moçambique viveram sob imposição deste sistema e muitos escritores falaram sobre esse sistema na literatura.

A língua Portuguesa no continente africano



Mapa da África Lusófona. Foto Adelardo A. D. Medeiros . Disponível em <<http://www.linguaportuguesa.ufrn.br/figuras/africa.png>>. Acesso em 13 jan. 2016.

Atualmente existem 5 países onde a língua portuguesa é falada como língua da maioria dos habitantes no continente africano: Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. A presença da língua portuguesa neste território contribuiu para o aparecimento de diversas produções literárias nesses países. Contudo devido ao longo processo de colonização africana, muitas produções não eram levadas em conta por não haver padrões estéticos próprios.

A princípio os textos produzidos eram influenciados pelo modo literário europeu, portanto havia uma produção literária que seguia paradigmas vindo de fora do continente africano, uma vez que muitos intelectuais estudaram fora e trouxeram essas experiências e também pela recente imposição da língua portuguesa

Somente a partir da década de 60, de fato surge um projeto ideológico-literário, pensando na vivência histórica e social pelo viés da estética literária em países africanos como Angola e Moçambique. Assim marca-se o início de uma nova forma de construir romances, poesias, contos dentre outros tipos de textos.

Com a ampliação dos movimentos de luta por independência, os escritores angolanos e moçambicanos, por exemplo, se empenharam através de sua linguagem a fim de retratar o homem e a sociedade de seu tempo. Apenas não objetivavam mostrar as mazelas sociais, mas também mostram a face do cotidiano momentos felizes como são as memórias das personagens nos contos de Ondjaki.

Antes de lermos alguns contos, conheceremos a partir de agora alguns dados sobre dois países que ficam em África: Angola e Moçambique, a fim de compreendermos um pouco sobre o escritor angolano Ondjaki e o moçambicano Luís Bernardo Honwana como exemplos da produção literária produzida nestes países.

Boa leitura.

B. Conhecendo Angola

Angola

Angola é um país que fica no continente africano, fazendo fronteiras com a República Democrática do Congo, com a Zâmbia e a Namíbia e com o oceano Atlântico. A língua portuguesa foi introduzida neste país no período da colonização, hoje majoritariamente utilizada na produção literária angolana.



(Mapa Angola)

Disponível em < <http://www.operationworld.org/files/ow/maps/lgmap/ango-MMAP-md.png>>.

Acesso em 01 jan. 2017.

A capital do país é Luanda. Uma cidade que lançou nomes da literatura angolana como o de Ondjaki.



(Vista panorâmica de Luanda)

Disponível em < <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/f7/35/7d/f7357d0a1b4bd317394d8b59725ef4f3.jpg>>. Acesso em 01 jan. 2017.

Historicamente, Angola foi colonizado por Portugal e a independência deste país se deu por volta de 1975. Os primeiros movimentos contra a colonização portuguesa ocorreram ainda por volta dos anos 20 e 30, a partir desta data diversos outros ocorreram.

O conjunto de pessoas e partidos que se juntam contra a presença portuguesa formaram movimentos distintos, mas em sua essência lutavam contra a imposição dos portugueses. Desta maneira, surgiram movimentos como o MPLA, UNITA e FNLA que foram de grande importância na manutenção de oposição ao sistema colonial.

É somente em novembro de 1975, que é declarada a independência de Angola pelo almirante Leonel Cardoso, retirando a soberania de Portugal. Os três movimentos de libertação proclamaram a independência de Angola a partir dos representantes: Holden Roberto, representante da FNLA, Jonas Savimbi, representante da UNITA e Agostinho Neto, presidente do MPLA, portanto assim passando este Estado a se chamar República Popular de Angola.



Cartaz do MPLA representando Agostinho Neto e o povo angolano

Disponível em <http://www.dw.com/image/17021785_401.jpg>. Acesso em 01 jan. 2017.

1. Registre em seu caderno, quais foram os objetivos propostos pelos três movimentos de libertação de Angola
 - a) MPLA
 - b) UNITA
 - c) FNLA
2. Busque em livros, na internet fotos que abordem esses movimentos em Angola e imagens de lutas de independência.

Por dentro do assunto!

Sugerimos algumas outras temáticas relacionadas à cultura angolana. Veja algumas sugestões. Divirta-se.



Filmes sobre Angola

Oxalá Cresçam Pitangas (2007) – Ondjaki, Kiluanje
 Liberdade
 Sambizanga (1973) - Sarah Maldoror
 Njinga, Rainha de Angola (2013) - Sergio Graciano



Cantores de Angola

Anselmo Ralph
 Yola Araujo
 Yola Semedo
 Celma Ribas



Pontos Turísticos

Benguela
 Parque Nacional do Bicuar
 Museu Nacional da Escravatura
 Museu das Forças Armadas
 Sé Catedral de Luanda

Conhecendo Moçambique

Moçambique é um país que fica localizado no continente africano, situado no sudoeste deste mesmo continente, fazendo fronteiras com os países Tanzânia, Malawi, Zâmbia, Zimbabwe, Suazilândia e África do Sul. A capital deste país é Maputo.

Este país se tornou independente em 1975 do império português, após 4 séculos de dominação. Desta maneira, o idioma falado neste país majoritariamente é o português, apesar das inúmeras línguas locais existentes. Moçambique, atualmente, é berço de inúmeros escritores de literatura que são conhecidos mundialmente tais como Mia Couto, José Craveirinha, Luís Carlos Patraquim, Luís Bernardo Honwana, Albino Magaia, Eduardo White, Paulina Chiziane dentre outros.



(Mapa Moçambique)

Disponível em < <http://www.questconnect.org/images/mozM01.gif>>. Acesso em 31 dez. 2016.

Acerca da literatura moçambicana, é de costume dividi-la em 5 periodizações, compreendendo marcos históricos, políticos e sociais que perpassam pelo viés da produção literária, estabelecendo assim profundas relações.

Vejamos agora um quadro sintético dessas periodizações sugerido por Pires Laranjeira.

Periodizações da Literatura Moçambicana	
1º Período	Chamado de Período da Incipiência devido ao fato de não haver um produção literária significativa. Esta realidade de quase ausência literária muda em decorrência da inserção do prelo que era uma antiga máquina manual em que se podia imprimir textos por volta do ano de 1854.
2º Período	Prelúdio – (1925 – 1945) O moçambicano Rui de Noronha versa sobre temas ligadas à tradições nativas de Moçambique,
3º Período	O período da formação da literatura moçambicana vai de 1945 a 1963. Aqui explora a Negritude que busca a valorização dos negros em países africanos.
4º Período	O período de tempo 1964 até 1975 demarca o início da luta armada de libertação nacional e a independência do país. Obras deste período: Nós matámos o cão-tinhoso - Luís Bernardo Honwana Chigubo - José Craveirinha

	Portagem - Orlando Mendes
5º Período	Entre os anos 1975 a 1992, ocorre a consolidação da literatura moçambicana devido a existência da autonomia e extensão da literatura moçambicana Obras deste período Terra Sonâmbula – Mia Couto

1. Observe com atenção esta imagem.



Foto. FRELIMO. Disponível em
<http://www.escopil.com/stae/RENFORM/v2%20Logos_Political%20parties/FRELIMO/FRELIMO-PARTIDO%20FRELIMO.jpg>. Acesso em 14 jan. 2017.

Faça uma leitura do texto acima. Observe detalhadamente os elementos que compõem a imagem.

- Quais cores são possíveis de se observar na imagem? O que elas podem representar?
- Quais elementos compõem a imagem? O que esses elementos representam para Moçambique?
- O que é FRELIMO? Explícite qual sua importância? Quando ocorreu?

Por dentro do assunto!

Sugerimos algumas outras temáticas relacionadas à cultura moçambicana. Veja algumas sugestões. Divirta-se.



Filmes sobre Moçambique

Terra Sonâmbula (2007) – Teresa Prata
 O Último Voo do Flamingo (2011) – João Ribeiro
 Virgem Margarida (2013) - Licínio Azevedo
 Comboio de sal e açúcar (2016) – Licínio Azevedo



Cantores de Moçambique

Neyma
 G2
 Gabriela Langa
 Lizha James
 António Marcos



Pontos Turísticos

Ilha de Moçambique
 Arquipélago de Bazaruto
 Reserva de Elefantes de Maputo
 Barragem de Cahora Bassa
 Museu Nacional de Etnografia de Nampula

C. Conhecendo o gênero e lendo o conto

“Entendo que para contar é necessário primeiramente construir um mundo, o mais mobiliado possível, até os últimos pormenores. Constrói-se um rio, duas margens, e na margem esquerda coloca-se um pescador, e se esse pescador possui um temperamento agressivo e uma folha penal pouco, pronto: pode-se começar a escrever, traduzindo em palavras o que não pode deixar de acontecer.”

Umberto Eco - O nome da Rosa

a. Como Umberto Eco entende a palavra contar?

b. E para você o que significar contar uma história?

Nesta sessão, você conhecerá algumas concepções literárias para o termo conto.

O conto é uma obra de ficção, um texto ficcional. Cria um universo de seres e acontecimentos de ficção, de fantasia ou imaginação. Como todos os textos de ficção, o conto apresenta um narrador, personagens, ponto de vista e enredo.

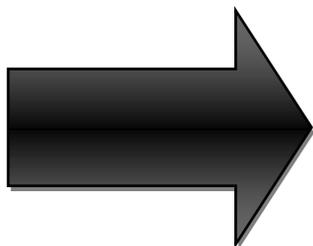
Classicamente, diz-se que o conto se define pela sua pequena extensão. Mais curto que a novela ou o romance, o conto tem uma estrutura fechada, desenvolve uma história e tem apenas um clímax. Num romance, a trama desdobra-se em conflitos secundários, o que não acontece com o conto. O conto é conciso.

Disponível em < <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/conto-caracteristicas-do-genero-literario.htm>>. Acesso em 03 jan. 2017.

Experimente conhecer alguns dos elementos que são comuns no texto narrativo, em particular no conto, respondendo as seguintes perguntas.

- a. Quais são os personagens?
- b. Quais apresentam recorrência maior no texto?
- c. E as que apresentam uma recorrência menor?
- d. O que ocorre na narrativa?
- d. Quando acontecem os fatos?
- e. Onde ocorrem as ações?
- f. Quem narra a narrativa?

As perguntas acima te auxiliarão a demarcar os elementos constituintes de uma narrativa – conto. Assim ficará mais fácil você compreender o texto, além de facilitar o entendimento.



HORA DO CONTO

No continente africano, em Angola e Moçambique, além de Ondjaki e Luís Bernardo Honwana, existem inúmeros outros contistas, prosadores, poetas como Agostinho Neto, Alda Lara, Ana Paula Tavares, José Eduardo Agualusa, Luandino Vieira, Manuel Rui, Pepetela, Mia Couto, Luís Carlos Patraquim, José Craveirinha dentre outros.

O texto que você vai ler abaixo é uma breve biografia do escritor angolano Ondjaki.

O escritor – um pouco da vida



(Foto. Ondjaki)
Disponível em <
http://www.caminho.leya.com/fotos/atores/ondjaki_by_daniel_1286560327.jpg>. Acesso em 01 jan. 2017.

Nascido com o nome de Ndalú Ferreira em Luanda, no dia 5 de julho de 1977. Filho de descendentes de portugueses. Desde cedo, adotou o gosto pela leitura propiciada por obras tais como as de Asterix, e algum tempo mais tarde conhecendo grandes nomes da literatura como Jean Paul Sartre, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Gabriel Garcia Márquez.

O nome Ondjaki que adotou como escritor significa “aquele que enfrenta desafios”.

Licenciou-se em Sociologia e continuou seus estudos em Lisboa, passando rapidamente por outros países como Itália e Estados Unidos.

Tempos depois, veio morar no Rio de Janeiro.

Atualmente, Ondjaki possui 26 livros publicados entre poesia, romances, contos, novela, teatro e livros infantis. Entre as principais obras estão *Actu Sanguíneu* (poesia, 2000), *Bom Dia Camaradas* (romance, 2001), *Os da minha rua* (contos, 2007), *O leão e o coelho saltitão* (infantil, 2008), *Avó Dezanove e o segredo do soviético* (romance, 2008) dentre outros.

A seguir, você vai ler um texto de Ondjaki, publicado no livro de contos *Os da minha rua* (2007).

Nós Chorámos Pelo Cão Tinhoso - Ondjaki

Para a Isaura. Para o Luís B. Honwana

Foi no tempo da oitava classe, na aula de português.

Eu já tinha lido esse texto dois anos antes, mas daquela vez a história me parecia mais bem contada com detalhes que atrapalhavam uma pessoa só de ler ainda em leitura silenciosa - como a camarada professora de português tinha mandado. Era um texto muito conhecido em Luanda: "Nós matámos o Cão Tinhoso".

Eu lembrava-me de tudo: do Ginho, da pressão de ar, da Isaura e das feridas penduradas do Cão Tinhoso. Nunca me esqueci disso: um cão com feridas penduradas. Os olhos do cão. Os olhos da Isaura. E agora de repente me aparecia tudo ali de novo. Fiquei atrapalhado.

A camarada professora seleccionou uns tantos para a leitura integral do texto. Assim queria dizer que íamos ler o texto todo de rajada. Para não demorar muito, ela escolheu os que liam melhor. Nós, os da minha turma da oitava, éramos cinquenta e dois. Eu era o número cinquenta e um. Embora noutras turmas tentassem arranjar alcunhas para os colegas, aquela era a minha primeira turma onde ninguém tinha escapado de ser alcunhado. E alguns eram nomes de estiga violenta.

Muitos eram nomes de animais: havia o Serpente, o Cabrito, o Pacaça, a Barata-da-Sibéria, a Joana Voa-Voa, a Gazela, e o Jacó, que era eu. Deve ser porque eu mesmo falava muito nessa altura. Havia o É-tê, o Agostinho-Neto, a Scubidú e mesmo alguns professores também não escapavam da nossa lista. Por acaso a camarada professora de português era bem porreira e nunca chegámos a lhe alcunhar.

Os outros começaram a ler a parte deles. No início, o texto ainda está naquela parte que na prova perguntam qual é e uma pessoa diz que é só introdução. Os nomes dos personagens, a situação assim no geral, e a maka do cão. Mas depois o texto ficava duro: tinham dado ordem num grupo de miúdos para bondar o Cão Tinhoso. Os miúdos tinham ficado contentes com

essa ordem assim muito adulta, só uma menina chamada Isaura afinal queria dar protecção ao cão. O cão se chamava Cão-Tinhoso e tinha feridas penduradas, eu sei que já falei isto, mas eu gosto muito do Cão Tinhoso.

Na sexta classe eu também tinha gostado bué dele e eu sabia que aquele texto era duro de ler. Mas nunca pensei que umas lágrimas pudessem ficar tão pesadas dentro duma pessoa. Se calhar é porque uma pessoa na oitava classe já cresceu um bocadinho mais, a voz já está mais grossa, já ficamos toda hora a olhar as cuecas das meninas "entaladas na gaveta", queremos beijos na boca mais demorados e na dança de slow ficamos todos agarrados até os pais e os primos das moças virem perguntar se estamos com frio mesmo assim em Luanda a fazer tanto calor. Se calhar é isso, eu estava mais crescido na maneira de ler o texto, porque comecei a pensar que aquele grupo que lhes mandaram matar o Cão Tinhoso com tiros de pressão de ar, era como o grupo que tinha sido escolhido para ler o texto.

Não quero dar essa responsabilidade na camarada professora de português, mas foi isso que eu pensei na minha cabeça cheia de pensamentos tristes: se essa professora nos manda ler este texto outra vez, a Isaura vai chorar bué, o Cão Tinhoso vai sofrer mais outra vez e vão rebolar no chão a rir do Ginho que tem medo de disparar por causa dos olhos do Cão Tinhoso.

O meu pensamento afinal não estava muito longe do que foi acontecendo na minha sala de aulas, no tempo da oitava classe, turma dois, na escola Mutu Ya Kevela, no ano de mil novecentos e noventa: quando a Scubidú leu a segunda parte do texto, os que tinham começado a rir só para estigar os outros, começaram a sentir o peso do texto. As palavras já não eram lidas com rapidez de dizer quem era o mais rápido da turma a despachar um parágrafo. Não. Uma pessoa afinal e de repente tinha medo do próximo parágrafo, escolhia bem a voz de falar a voz dos personagens, olhava para a porta da sala como se alguém fosse disparar uma pressão de ar a qualquer momento. Era assim na oitava classe: ninguém lia o texto do Cão Tinhoso sem ter medo de chegar ao fim. Ninguém admitia isso, eu sei, ninguém nunca disse, mas bastava estar atento à voz de quem lia e aos olhos de quem escutava.

O céu ficou carregado de nuvens escurecidas. Olhei lá para fora à espera de uma trovoadas que trouxesse uma chuva de meia-hora. Mas nada.

Na terceira parte até a camarada professora começou a engolir cuspe seco na garganta bonita que ela tinha, os rapazes mexeram os pés com nervoso miudinho, algumas meninas começaram a ficar de olhos molhados. O Olavo avisou: "quem chorar é maricas então!" e os rapazes todos ficaram com essa responsabilidade de fazer uma cara como se nada daquilo estivesse a ser lido.

Um silêncio muito estranho invadiu a sala quando o Cabrito se sentou. A camarada professora não disse nada. Ficou a olhar para mim. Respirei fundo.

Levantei-me e toda a turma estava também com os olhos pendurados em mim. Uns tinham-se virado para trás para ver bem a minha cara, outros fungavam do nariz tipo constipação de cacimbo. A Aina e a Rafaela que eram muito branquinhas estavam com as bochechas todas vermelhas e os olhos também, o Olavo ameaçou-me devagar com o dedo dele a apontar para mim. Engoli também um cuspe seco porque eu já tinha aprendido há muito tempo a ler um parágrafo depressa antes de o ler em voz alta: era aquela parte do texto em que os miúdos já não têm pena do Cão Tinhoso e querem lhe matar a qualquer momento. Mas o Ginho não queria. A Isaura não queria.

A camarada professora levantou-se, veio devagar para perto de mim, ficou quietinha. Como se quisesse me dizer alguma coisa com o corpo dela ali tão perto. Aliás, ela já tinha dito, ao me escolher para ser o último a fechar o texto, e eu estava vaidoso dessa escolha, o último normalmente era o que lia já mesmo bem. Mas naquele dia, com aquele texto, ela não sabia que em vez de me estar a premiar, estava a me castigar nessa responsabilidade de falar do Cão Tinhoso sem chorar.

- Camarada professora - interrompi numa dificuldade de falar. - Não tocou para a saída?

Ela mandou-me continuar. Voltei ao texto. Um peso me atrapalhava a voz e eu nem podia só fazer uma pausa de olhar as nuvens porque tinha que estar atento ao texto e às lágrimas. Só depois o sino tocou.

Os olhos do Ginho. Os olhos da Isaura. A mira da pressão de ar nos olhos do Cão Tinhoso com as feridas dele penduradas. Os olhos do Olavo. Os olhos da camarada professora nos meus olhos. Os meus olhos nos olhos da Isaura nos olhos do Cão Tinhoso.

Houve um silêncio como se tivessem disparado bué de tiros dentro da sala de aulas. Fechei o livro.

Olhei as nuvens.

Na oitava classe, era proibido chorar à frente dos outros rapazes.

ONDJAKI. **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: 2007. p. 131 – 136.

1. No início do conto, há uma dedicatória. A quem é dedicado o texto e quem são esses destinatários?

2. Sobre o tipo de narrador presente no conto, de que maneira ele pode ser classificado? Quais são as características que o define desta maneira?

3. Para você qual o sentimento que passa o conto a partir das personagens?

4. Na sua opinião que fatores político-sociais e culturais justificam a aula de língua portuguesa citada na narrativa?

5. No trecho, “*Na oitava classe, era proibido chorar à frente dos outros rapazes*” na sua opinião qual os valores recorrentes nesta sociedade a partir deste trecho?

--

--

6. O conto indica o tempo e o espaço da narrativa.

a. Quando ocorre a situação vivida pela personagem?

b. Possivelmente, em que lugar ocorrem os fatos?

c. Pelas lembranças que são narradas, esse tempo parece ter demorado para passar ou parece ter passado rapidamente?

Dialogando com outros textos.

Quando lemos um texto, ativamos nosso conhecimento de mundo. Acionamos mentalmente as leituras que temos. Ao depararmos com um texto que nos possibilita dialogar com um outro, dizemos que existe uma **intertextualidade**. Neste aspecto, *Nós choramos pelo Cão-Tinhoso* trata-se de uma releitura do texto do escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana.

Pesquise e leia o conto de Honwana e registre as características e temáticas semelhantes.

6. Após lido o texto *Nós matamos o Cão-Tinhoso* de Bernardo Honwana, destaque aspectos que caracterize *Nós choramos o Cão-Tinhoso* de Ondjaki como um intertexto.

Para pensar!



Qual a simbologia do cão na cultura angolana e moçambicana?

Conheça outro conto de Ondjaki, publicado no livro de contos *Os da minha rua* (2007).

Os quedes vermelhos da Tchi - Ondjaki

Os "quedes" eram da Tchi, minha irmã mais velha. E estavam lá abandonados numa poeira fina, atrás da porta da casa de banho. No dia seguinte havia comício no Largo 1.º de Maio. A concentração era na minha escola "Aplicação e Ensaios", às sete da manhã. A minha mãe mandou-me ir preparar a farda.

Camisa azul clarinha, calção azul escuro. Tudo limpinho e engomado. E cheirava àquela naftalina boa que trazia outros cheiros de antigamente. É um bocadinho assustador, mas mesmo quando somos crianças o antigamente já fica lá longe.

Fui à casa de banho, atrás da porta, aí onde ficavam pendurados os sapatos que já ninguém ligava. E então vi os "quedes" vermelhos da Tchi, que ela nunca gostou muito, só tinha usado durante uns tempos e depois ficaram ali a ganhar poeira. Limpei devagarinho a parte da frente e até um bocadinho das solas, com um pano do pó que sempre ficava ali na casa de banho. Experimentei os "quedes", confirmei o que já sabia: não me serviam bem, aleijavam-me no dedo grande e no mindinho também. Mas só o póster, ché!, até num vale a pena.

Ainda descí, pra dizer à minha mãe que tava tudo preparado.

- Meias também? - ela perguntou.

- Meias vejo já amanhã de manhã.

- E sapatos?

- Já está - mas não disse quais eram.

- Então vai ver se o teu cantil tá limpo.

Fui até à cozinha, encontrei o meu cantil antigo na despensa. Tinham dado aqueles cantis soviéticos na segunda classe, acho eu, e como eram feitos lá para aqueles frios da União Soviética, eram uns cantis que em vez de manterem a água gelada, lhe aqueciam masé bué. Então nós já

tínhamos desenvolvido uma técnica: enchia-se o cantil de água ou sumo, e deixávamos o cantil dormir na arca, por uma noite. De manhã, ia mesmo assim, congeladito, a derreter à medida que a manhã avançava, sempre com o líquido puramente gelado. Era um cantil verde escuro, que não dava pra confundir, era soviético mesmo, duro, resistente, que durava anos. Fazia lembrar as "akás", que eu vi num documentário na televisão, disseram que se pode enterrar uma "aká" por 40 anos e desenterrar que ela ainda vai funcionar. E o Cláudio disse que o primo dele, que é comando, já confirmou que isso é mesmo verdade.

Dia 1.º de Maio, dia internacional do trabalhador: quase não havia barulho na minha rua, só alguns gatos, os guardas da casa do Jika iam-se deitar, pousavam as "akás" no chão, lavavam-se ali numa torneira no jardim de trás. E eu e o meu pai matabichávamos com todos os cheiros da manhã. E o abacateiro, claro, espreguiçava-se para acordar também. O meu pai acordou-me cedo, mais cedo do que tínhamos combinado. Matabichámos juntos, nesse momento que eu adoro: o meu pai abre as portas grandes da janela da sala, e vemos o abacateiro.

Vesti-me, fui lá acima, calcei os "quedes" vermelhos da Tchi. A minha mãe não tinha ainda acordado, então aproveitei e calcei mesmo assim sem meias, para não apertar tanto. Mesmo assim doía.

- É o quê? - o meu pai perguntou, quando entrei de novo na cozinha para tirar o cantil da arca.

- Nada, tou pronto - disse, contente.

Os meus primos não gostavam muito de ir ao comício do dia internacional do trabalhador. Nem era obrigatório, a camarada professora disse que só ia quem quisesse, mas eu adorava os comícios naquela altura. Nem sei explicar bem porquê. Era tudo especial, acordarmos cedo, fazermos formação, cantarmos o hino, e irmos juntos, mais ou menos organizados, até ao Largo 1.º de Maio, sim, o Largo chamava-se mesmo 1.º de Maio.

Cheguei à escola bem cedo. Os pés doíam-me, magoavam-me em vários pontos, até já me doía a parte do calcanhar também. Mas eu tava bem estiloso, e aguentava. Sentia um fresquinho nas costas, era o cantil completamente congelado. Bons cantis, esses soviéticos, desde que se

conhecesse essa técnica de congelar no dia anterior. E fomos.

Lá, no Largo 1.º de Maio, tava uma tanta gente acumulada, bué, mas buelelé de escolas já em formação, numa curva, todos direitinhos, à espera da vez de marchar. E lá na tribuna, bem lá em cima, estava o camarada presidente, duma camisa azul clara e um lenço branco a fazer adeus aos pioneiros que passavam. Chegou a nossa vez. Um camarada também aí num microfone tipo escondido, aquecia a multidão: "Pioneiros de Agostinho Neto, na construção do Socialismo...", e nós gritávamos, suados, contentes, meio a rir meio a berrar, "Tudo pelo Povo!", e ele continuava, "Um só Povo, uma só...?", e nós de novo, "Nação!", e passámos mesmo em frente ao camarada presidente, e ainda vi a Paula Simons e o Ladislau, namorado da minha prima Fatinha, a falarem num microfone que eles punham assim no ombro tipo carteira das meninas, tavam a gravar uma reportagem, eu sei, uma vez eu já tinha ido à Rádio Nacional e tinham me explicado aquilo tudo.

Quando acabou o comício, ainda nos deram um sumo bué malaico com bolachas, mas as bolachas eram muito boas, e eu não sei pra quê que levei cantil se sempre me esquecia de beber a tal água congelada no dia anterior. Depois "desmobilizamos", como a camarada professora dizia. Fui pra casa. Cheguei cansado, mas foi bom, tinha me divertido, e no caminho para casa ainda houve tempo para ouvir e aprender umas estigas novas com uns miúdos que também voltaram para o meu bairro.

Quando cheguei ao portão, a minha mãe tava lá.

- Correu tudo bem?

- Sim, foi bem fixe, vi a Paula Simons e o Lau, com os microfones da Rádio...

- E o camarada Presidente?

- Sim, também tava lá.

- Foste com esses quedes vermelhos, filho?

- Sim, mãe.

Pensei, não sei porquê, que ela fosse me ralhar, os "quedes" eram da minha irmã Tchissola. Mas não; ela riu, e disse para eu ir mudar a roupa que eu tava todo suado.

Tirei os "quedes" vermelhos, e tinha os dedos grandes, os

mindinhos e os calcanhares todos irritados. E cheirava muito a chulé. Eram, para dizer a verdade, uns "quedes" que não davam jeito nenhum.

Mas também acontece isso na vida de uma pessoa, pensei, gostarmos de uma coisa, e não saber porquê. E eu não sabia. Mesmo os comícios, também não sabia porquê que eu gostava tanto de ir aos comícios. Mas ia. Farda azul, ténis vermelhos, e o cantil soviético na mochila. Antigamente, eu ia.

ONDJAKI. **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: 2007. p.73-78.

Texto II

1º DE MAIO, DIA DO TRABALHADOR

Após a independência de Angola, em 1975, o 1º de Maio começou a ser celebrado em Angola. O Presidente Dr. Agostinho Neto, em 1979, durante as festas da celebração do feriado, às quais não faltavam os carros alegóricos, os desfiles e as manifestações do povo trabalhador, discursou:

“Eu creio, camaradas, que quando nós pensamos no Dia do Trabalhador, no Dia 1º de Maio, no que é celebrado em todo o Mundo como o Dia de Defesa dos Direitos do Trabalhador, nós estamos imediatamente a pensar em relação à nossa Pátria, como será possível nós organizarmos melhor a nossa vida, de maneira que os trabalhadores de facto, possam ter aquilo que merecem, depois das horas de trabalho.”

O feriado tem como alusão a data de 1886. Neste ano, realizou-se uma manifestação de trabalhadores nas ruas de Chicago nos Estados Unidos da América. Essa manifestação, que contou com a participação de 500 mil trabalhadores, foi realizada com o intuito de protestar contra as condições desumanas de trabalho a que os trabalhadores eram submetidos, exigindo assim, uma redução da jornada de trabalho de 13 para oito horas diárias. Nesse dia teve início uma greve geral nos EUA, conhecida pela "greve dos três oitos" (oito horas para trabalhar e estudar, oito horas para descansar e oito horas para divertir-se). [...]

Disponível em < http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com_content&view=article&id=778:1o-de-maio-dia-do-trabalhador&catid=78:2011&Itemid=247>. Acesso em 01 dez. 2017.

1. Na sua opinião qual é a relevância do dia 1º de Maio para Angola? Justifique sua resposta.

2. Na passagem “*Fui até à cozinha, encontrei o meu cantil antigo na despensa. Tinham dado aqueles cantis soviéticos na segunda classe, acho eu, e como eram feitos lá para aqueles frios da União Soviética, eram uns cantis que em vez de manterem a água gelada, lhe aqueciam masé bué.*” (ONDJAKI, 2007, p 73) faz menção a um momento histórico que Angola vivenciou. Qual foi esse evento?

3. As reminiscências do narrador são evidenciadas ao longo da narrativa. Quais elementos linguísticos comprovam essa questão? Qual a intenção desse recurso?

4. Quem são as personagens envolvidas nos fatos narrados?

5. É possível localizar no conto lido, o momento de tensão em torno do qual a narrativa se organiza? Caso seja qual é?

6. No trecho

Um camarada também aí num microfone tipo escondido, aquecia a multidão: "Pioneiros de Agostinho Neto, na construção do Socialismo...", e nós gritávamos, suados, contentes, meio a rir meio a berrar, "Tudo pelo Povo!", e ele continuava, "Um só Povo, uma só...?", e nós de novo, "Nação!", e passámos mesmo em frente ao camarada presidente, e ainda vi a Paula Simons e o Ladislau, namorado da minha prima Fatinha, a falarem num microfone que eles punham assim no ombro tipo carteira das meninas, tavam a gravar uma reportagem, eu sei, uma vez eu já tinha ido à Rádio Nacional e tinham me explicado aquilo tudo.

ONDJAKI. **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: 2007. p.76.

De fato, com a proclamação da independência de Angola, exatamente no dia 11 de novembro de 1975, busca-se criar novos discursos voltados para a construção da identidade angolana. A partir do trecho acima, possivelmente existe um discurso relacionado a um projeto ideológico para a criação da identidade nacional. Pesquise em livros, na internet acerca da construção social e identitária de Angola e escreva um comentário relacionado com o trecho do conto acima.

6. Você deve ter deparado ao longo do conto palavras desconhecidas por você. Elas constituem o amplo e rico léxico da língua portuguesa. Desta maneira, para o seu nível de conhecimento de outros termos, pesquise pelo significado destas palavras e compartilhe com seus colegas.

Boa pesquisa!

A seguir, você vai ler um texto de Ondjaki, publicado no livro de contos *Os da minha rua* (2007).

No galinheiro, no devagar do tempo – Ondjaki

Para fazer as contas e contar o dinheiro, é melhor chamar a Charlita. Ela
É a única que vê bem com os óculos dela.

palavras da avó Maria, enquanto
vendia kitaba com jindungo.

Quando partiram, a Charlita ia contente com um vestido muito limpinho mas que não era novo, e os óculos dela no rosto a sorrir enquanto fazia adeus a todos da Praia do Bispo. Parecia que já estava há muito tempo na Tuga, mas os da casa dela falavam em três semanas. Naquele tempo o tempo então passava devagar e, à noite, nós íamos ver telenovela na casa do senhor Tuarles. Como o senhor Tuarles não estava, ninguém dizia “deem espaço, porra”, porque essa frase era muito dele.

As irmãs todas da Charlita andavam desanimadas com a telenovela porque a Charlita tinha ido para Portugal, com o senhor Tuarles, e tinha levado os famosos óculos feios. A Áurea, irmã da Charlita, ainda pediu para ela emprestar os óculos naquelas semanas, pois estavam a passar os últimos capítulos da telenovela *Roque Santeiro*, mas a Charlita não podia deixar os óculos porque ia precisar deles em Portugal para fazer exames de vistas. Naquele tempo dizíamos “as vistas”. Eu estava lá na tarde que o senhor Tuarles disse à dona Isabel que tinha conseguido uma “junta médica” para ir à Tuga tratar as vistas da Charlita.

- Mas a Charlita é a única que já tem óculos, podias ter conseguido alguma coisa para a Arlete, que é a mais velha.

- Podia, mas não consegui – o senhor Tuarles respondeu, e subiu as escadas a assobiar a música do lobisomem dessa mesma telenovela.

Nós ficamos calados. A dona Isabel olhou para a Arlete e depois para a Charlita.

- Não faz mal. Vai uma de cada vez...

Fomos todos lá fora espalhar a notícia. A Charlita ia a Portugal num avião bem grande que fazia bué de barulho e voava bué de horas sem parar para pôr gasolina. Ela ia lá ver as lojas de Portugal, comprar roupas bonitas, comer bué de gelados e ia ao médico das vistas, quem sabe mesmo iam-lhe dar uns óculos novos e aqueles óculos amarelos e feios iam sobrar para as outras quatro irmãs. Essa estória era antiga na praia do Bispo: eram cinco irmãs, todas viam muito mal e só a Charlita tinha uns óculo mas que davam para ver bem as telenovelas brasileiras.

Durante essas semanas não houve notícias do senhor Tuarles e da Charlita. A telenovela estava quase a acabar e, apesar das irmãs delas ficarem atentas ao som – olhando a televisão de muito perto -, no fim do episódio nós íamos sempre lá fora, sentar no muro e contar todo o episódio outra vez. Eu gostava muito desse momento porque todo mundo modificava a novela, mexia nas conversas dos personagens, inventava novas situações, e as irmãs da Charlita deliravam contentes ou confusas com essas versões angolanas da telenovela.

Às vezes, alguém punha assim um pensamento alto, “será que a Charlita tá contente lá na Tuga?”, e esse era um tema de conversa que durava, cada um punha a sua versão, uns imaginavam ela com novos brinquedos oferecidos pelo próprio médico das vistas, outros falavam das vistas dela já arranjadas, alguém dizia que isso era mentira pois as vistas da Charlita eram estragadas de nascença, “talvez então uns óculos novos e bem potentes tipo binóculos”, outros falaram de lojas grandes com bué de roupas coloridas, mas a Arlete foi ficando mais séria e disse uma frase que assustou todo mundo:

- Se lá tiverem muito bares, a Charlita vai voltar com os mesmos óculos.

Todo mundo ficou silencioso só nuns ruídos de matar os mosquitos que estavam a nos picar nas pernas.

A dona Isabel chamou as filhas para dentro de casa. O Paulinho saiu também a correr e a avó Nhé veio nos ralhar de estarmos ali no muro até tão tarde, “mas vocês gostam de dar de beber aos mosquitos, ou quê?”, e rimos porque a avô Nhé gostava de dizer essas frases dela assim tipo das

telenovelas.

Antes de adormecer perguntei à avó se aquele bar ali perto do hospital Maria Pia, que afinal se chama hospital Josina Machel, se aquele bar era do senhor Tuarles e a avó disse que sim. Depois perguntei se ela achava que ele ia beber muito lá no bares de Portugal e a vó disse que na Tuga não era como aqui e a cerveja, por mãos que se bebesse, era difícil de acabar.

Passaram mais dias. Nessa semana já estavam a anunciar mesmo os últimos capítulos do *Roque Santeiro*. Fiquei triste e, de tarde, a Geny – irmã da Charlita que às vezes brincava comigo de arco e flecha tipo Robin dos Bosques – veio me chamar para brincar e eu tive que lhe dizer que não tinha vontade, porque estava a pensar no fim da telenovela.

- Mas essa acaba e depois começa outra - a Geny falou, enquanto afiava um pau fininho para ser flecha dela, depois se calhar íamos acertar nas galinhas da tia Maria e nos morcegos que andavam a atacar a mangueira.

- Outra novela? – olhei para ela sem vontade mais de brincar. – E essa novela por acaso dá a música do padre quando tá triste porque gosta da filha do sinhozinho Malta? Essa telenovela tem cenas da dona Lulu a se olhar no espelho com os olhos todos pintados porque ela gosta do marido da dona da boate, mas tem medo que o Zé das Medalhas chegue a casa e lhe bata? E os discursos do professor Astromar Junqueira que afinal deve ser mesmo o lobisomem? E os beijos do Roque com a viúva Porcina da boca bem grande? E as prostitutas da rua da Lama que vão à igreja? E nessa outra novela o Sinhôzinho Malta tem coleção de perucas que chamam de capachinho? Ahn? Tu sabias que esse ator o nome dele verdadeiro é Lima Duarte e que ele é que fazia de Zeca Diabo na telenovela do *Bem-Amado* com o Odorico Paraguaçu, chefe de Sucupira com um cemitério bem difícil de inaugurar?

- O quê?! – a Geny guardou as coisas dela e foi embora a reclamar que eu andava a falar bem à toa.

Ninguém falava noutra coisa. O assunto era só o fim da telenovela *Roque Santeiro* e ainda por cima uma colega da escola leu numa revista que o Roque, no fim, não ficava na cidade de Asa Branca, e pior que Zé das

Medalhas ia morrer afogado. Só sei que fiquei bem triste a pensar na morte do Zé das Medalhas.

A avó Nhé veio me chamar para lanchar. Na hora do lanche todos podiam beber chá preto, menos eu, porque diziam que o chá preto fazia mal e que eu era “nervoso”. A Madalena entrou com a notícia que me cortou todos esses pensamentos:

- A Charlita e o senhor Tuarles chegam hoje à noite.

Todos ficaram contentes, eu também, coitada da Charlita se chegasse uns dias depois do fim da telenovela, além de perder o último capítulo, ia ter que acreditar nas novas versões bem aumentadas.

O Sol se pôs atrás das obras dos soviéticos. O mesmo de sempre: a poeira do fim da tarde e o soviético a conduzir o camião-cisterna que deitava água na rua para acalmar o pó. Os nosso gritos a gozar com ele e os gritos dele, em soviético, que parecia um português mastigado e cuspidado ao contrário. A rua ficou úmida a deitar um cheiro de sol no alcatrão que tremia refrescado.

Todos cá fora esperavam o senhor Tuarles e a Charlita que tinham ido a Portugal. A avó Maria, mãe da dona Isabel, a dona Isabel, os dois filhos, as quatro filhas. A minha avó na varanda com a tia Maria. Nós, os primos. O Gadinho no quintal dele, o Paulinho e até o Xana na esquina da rua dele. Nas pernas, um monte de mosquitos que sempre acordavam àquela hora da noite. O cheiro da figueira, da goiabeira e das mangas roídas pelos morcegos. Ninguém falava e só a Áurea fungava do nariz mas nas conseguia recolher o ranho que lhe brilhava nas narinas.

A Charlita vinha no banco de trás. O senhor Tuarles vinha muito sentado no banco da frente e um senhor desconhecido conduzia um Lada amarelo com o tubo de escape roto. O barulho animou a malta. Deram a volta longe, do outro lado da bomba de gasolina, e batemos palmas como se fosse um filme. Os mosquitos afastaram-se com o movimento mas depois voltaram devagarinho. Eu vi: no banco de trás, com os olhos tristes e enorme, a Charlita trazia exatamente o mesmo vestido de flores remendado no sovaco do lado esquerdo e, na cara, os mesmos óculos amarelos, grossos e feios com que, nos dias seguintes, haveria de ver os últimos

capítulos da telenovela *Roque Santeiro*.

As palmas pararam. O carro travou em frente à dona Isabel. A Charlita não se mexeu. O senhor Tuarles abriu a porta com dificuldade e saiu do Lada amarelo. Os filhos da dona Isabel foram tirar a mala do porta-bagagens. A Charlita não se mexeu. Ninguém sabia o que dizer, para dizer a verdade, aquele momento lembrava o dia em que Zé das Medalhas chegou a casa e encontrou a mulher dele, dona Lulu, com a cara toda pintada de cores fortes, os lábios inchados de um *bâton* bonito e um vestido justo que transformava a dona Lulu numa mulher de corpo todo apetitoso. O Zé das Medalhas deu-lhe uma carga de porrada e trancou-lhe no quarto, onde ela ficou a chorar a noite toda perto do espelho.

Ninguém disse nada. Ficamos a olhar os olhos muito encarnados do senhor Tuarles, que olhava os olhos muito parados da dona Isabel. Abriram a porta e a Charlita saiu devagarinho. Eu tinha visto bem: o mesmo vestido, os mesmos óculos e até as mesmas sapatilhas.

- Deem espaço, porra – o senhor Tuarles gritou com lábios inchados e escuros.

Nós fugimos. Nessa noite não fomos à casa da dona Isabel ver a telenovela porque a avó Nhé não deixou. Jantamos, vimos a novela ali mesmo e fiquei outra vez triste quando o camarada locutor confirmou que faltavam apenas dois episódios para o fim do *Roque Santeiro*.

Demos encontro no muro. Todas as filhas do senhor Tuarles apareceram, menos a Charlita. O Paulinho foi quem teve mesmo coragem de fazer as perguntas e a Arlete foi respondendo como sabia mas todo mundo captou que ela sabia muito pouco. Sai devagarinho dali.

Imaginei, não sei porquê, que a Charlita podia estar num lugar onde só nós dois gostávamos de ir às vezes: no galinheiro abandonado da casa dela, com restos de milho duro espalhados pelo chão. Estava escuro.

- Também vais me perguntar de Portugal? – ela chorava pela voz mais que pelos olhos.

- Não, Charlita, só queria te contar os episódios que tu não viste com os teus óculos.

Contei-lhe do padre que gostava da filha do Sinhôzinho, falei da

morte do João Ligeiro quando houve tiroteio na fazenda do Roque, o jagunço do Sinhôzinho tinha recebido dinheiro para ir embora de vez, a Mocinha tinha dado um corte no professor Astromar Junqueira, a Ninon tinha beijado o lobisomem numa noite de Lua Cheia, a Rosaly ia casar com um fazendeiro rico e Zé das Medalhas andava desconfiado e mesmo muito triste.

- O meu pai, lá em Portugal – ela ia falar, mas eu atropeli as palavras dela e inventei um monte de coisas sobre a telenovela, misturei os personagens com os do *Bem-Amado*, da *Sinhá Moça*, da *Vereda tropical*, e coisas impossíveis aconteceram assim relatadas naquela noite, no galinheiro abandonado da casa do senhor Tuarles.

A Charlita riu.

Limpou no vestido os óculos amarelos, grossos e feios. Olhou a Lua quase nova a querer imitar um brilho pequenino. Um galo cantou muito enganado nas horas.

Naquele tempo o tempo então passava devagar.

ONDJAKI. **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: 2007. p. 109-117.

1. O conto que você acabou de ler faz menção a outras manifestações culturais que são mencionadas no decorrer do texto? Explícite quais são elas.

2. Na sua opinião, qual a relação existente nessas manifestações culturais de massa na realidade sociocultural e política em Angola?

3. Ondjaki através de seu modo de narrar consegue construir duas histórias, através do processo de citação de uma outra narrativa. Que outra narrativa podemos encontrar no texto acima?

4. Em geral, uma narrativa centra-se num conflito. Essa afirmação aplica-se ao texto “No galinheiro, no devagar do tempo”? Em caso afirmativo, comente o conflito.

5. De onde são as telenovelas apresentadas no conto? Qual a relação política e cultural entre Angola e esse país?

6. Crie uma hipótese das personagens precisarem dos óculos de Charlita? Qual a solução tomada pelas personagens já que os óculos estavam em Portugal com Charlita?

7. Na sua opinião, o que significa a tuga mencionada no decorrer na narrativa?

O texto que você vai ler abaixo é uma breve biografia do escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana.

O escritor – um pouco da vida



Foto 6. Luís Bernardo Honwana
Disponível em <
<https://tertuliabibliofila.blogspot.com.br/2012/03/luis-bernardo-honwana-um-escriptor.html>>.
Acesso em 30 dez. 2016

Luís Bernardo Honwana é um dos poetas pertencentes à década de 60 em Moçambique. Nasceu na cidade de Lourenço Marques, atualmente conhecida como Maputo no ano de 1942. Todavia viveu no interior do país com seus pais já que em Goamba, seu pai trabalhava como intérprete.

Tempos depois, foi para a capital onde estudou jornalismo. A partir desse fato, começou a escrever e seu talento foi descoberto por José Craveirinha.

Em decorrência das lutas pela independência de Moçambique, Honwana participa da Frente de Libertação de

Moçambique (FRELIMO), lutando pela libertação de Moçambique das pendências de Portugal.

Em 1964, foi preso durante três anos pelas autoridades coloniais. É nesse período que surge sua única obra intitulada *Nós matamos o Cão-Tinhoso*, que reúne sete contos que abordam diversos temas tais como o racismo, a segregação, questões de identidade dentre outras.

Conhecendo o texto

Agora você vai ler um conto extraído do livro *Nós matamos o Cão-Tinhoso* do escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana.

AS MÃOS DOS PRETOS - Luís Bernardo Honwana

Já não sei a que propósito é que isso vinha, mas o Senhor Professor disse um dia que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo.

Lembrei-me disso quando o Senhor Padre, depois de dizer na catequese que nós não prestávamos mesmo para nada e que até os pretos eram melhores que nós, voltou a falar nisso de as mãos serem mais claras, dizendo que isso era assim porque eles andavam com elas às escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar.

Eu achei um piadão tal a essa coisa de as mãos dos pretos serem mais claras, que agora é ver-me não largar seja quem for enquanto não me disser porque é que eles têm as mãos assim tão claras. A Dona Dores, por exemplo, disse-me que Deus fez-lhes as mãos assim mais claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deve ficar senão limpa.

O Senhor Antunes da Coca-Cola, que só aparece na vila de vez em quando, quando as Coca-Colas das cantinas já tenham sido vendidas, disse que o que me tinham contado era aldrabice. Claro que não sei se realmente era, mas ele garantiu-me que era. Depois de lhe dizer que sim, que era aldrabice, ele contou então o que sabia desta coisa das mãos dos pretos. Assim:

“Antigamente, há muitos anos, Deus Nosso Senhor Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos outros santos, todos os anjos que nessa altura estavam no céu e algumas pessoas que tinham morrido e ido para o céu fizeram uma reunião e resolveram fazer pretos. Sabes como? Pegaram

em barro, enfiaram em moldes usados de cozer o barro das criaturas, levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, fumo e aí os tens escurinhos como carvões. E tu agora queres saber porque é que as mãos deles ficaram brancas? Pois então se eles tiveram de se agarrar enquanto o barro deles cozia?!...”

Depois de contar isto o Senhor Antunes e os outros Senhores que estavam à minha volta desataram a rir, todos satisfeitos.

Nesse mesmo dia, o Senhor Frias chamou-me, depois de o Senhor Antunes se ter ido embora, e disse-me que tudo o que eu tinha estado para ali a ouvir de boca aberta era uma grandessíssima pêta. Coisa certa e certinha sobre isso das mãos dos pretos era o que ele sabia: que Deus acabava de fazer os homens e mandava-os tomar banho num lago do céu. Depois do banho as pessoas estavam branquinhas. Os pretos, como foram feitos de madrugada e a essa hora a água do lago estivesse muito fria, só tinham molhado as palmas das mãos e dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo.

Mas eu li num livro que por acaso falava nisso, que os pretos têm as mãos assim mais claras por viverem encurvados, sempre a apanhar o algodão branco da Virgínia e de mais não sei onde. Já se vê que Dona Estefânia não concordou quando eu lhe disse isso. Para ela é só pôr as mãos deles desbotarem à força de tão lavadas.

Bem, eu não sei o que vá pensar disso tudo, mas a verdade é que, ainda que calosas e gretadas, as mãos dum preto são mais claras que todo o resto dele. Essa é que é essa!

A minha mãe é a única que deve ter razão sobre essa questão das mãos dos pretos serem mais claras do que o resto do corpo. No outro dia em que falámos nisso, eu e ela, estava-lhe eu ainda a contar o que já sabia dessa questão e ela já estava farta de rir. O que achei esquisito foi que ela não me dissesse logo o que pensava disso tudo, quando eu quis saber, e só tivesse respondido depois de se fartar de ver que eu não me cansava de insistir sobre a coisa, e esmo até chorar, agarrada à barriga como quem não pode mais de tanto rir. O que ela disse foi mais sou menos isto:

“Deus fez os pretos porque tinha de os haver. Tinha de os haver, meu filho, Ele pensou que realmente tinha de os haver.... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para casa deles para os pôr a servir de escravos ou pouco mais. Mas como Ele já não os pudesse fazer ficar todos brancos, porque os que já se tinham habituados a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exactamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes porque é que foi? Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem é apenas obra dos homens...Que o que os homens fazem é efeito por mãos iguais, mãos de pessoas que se tivessem juízo sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos.”

Depois de dizer isso tudo, a minha mãe beijou-me as mãos.

Quando fui para o quintal, para jogar à bola, ia a pensar que nunca tinha visto uma pessoa a chorar tanto sem que ninguém lhe tivesse batido.

HONWANA, Luís Bernardo. **Nós matamos o Cão-Tinhoso**. São Paulo: Ática, 1980. p. 75-78.

1. Como podemos classificar o narrador utilizado pelo escritor neste conto? Como é narrado o conto? Para você, o narrador conta de fora ou ele também é um dos personagens?

2. Quais são os personagens principais?

3. O que acontece nesta narrativa?

--

--

4. Em que tempo e em que lugar se passa a história narrada?

5. Qual o eixo temático abordado na narrativa?

6. De acordo com o texto, quantos argumentos são usados para explicar a clareza das mãos e pés dos negros? Você concorda ou discorda deles? Justifique.

7. Como o preconceito racial é disseminado no texto? Que teoria do século XX contribui nessa assimilação? Para você, essa teoria é positiva ou negativa. Justifique.

8. Em determinado momento do conto, a que animal o ser humano em questão é associado? Pense em hipóteses que possam validar tal pensamento.

9. Nos dias de hoje, ainda existem associações de pessoas com animais semelhantes ao do conto. Exemplifique um caso de racismo que nos dias atuais foi noticiado.

Agora vamos ler outro texto de Luís Bernardo Honwana.

Nhinguitimo - Luís Bernardo Honwana

As rolas

Pouco antes do início das colheitas, as rolas reúnem-se nas matas que dividem as machambas do vale. Durante duas ou três semanas, em bandos numerosos, sobrevoavam os campos em largos círculos. De vez em quando duas, ou três rolas, seis no máximo, destacavam-se da trajetória do resto do bando e pousam nas machambas para provar os grãos.

Vários dias decorrem neste período de reconhecimento, mas, em compensação, na manhã em que soa a ordem de atacar, o bando é dirigido pelos guias para as machambas o bago do milho é mais pequeno e mais redondo, onde o pé da planta não teve tempo de crescer para além de um metro do chão.

Por uma questão de segurança, o bando procura cobrir as áreas não muito sulcadas pelos caminhos dos homens e dos tratores.

Com o seu colarinho negro, recortado no tom palha-arroxeadado das penas, a rola é uma das aves mais antipáticas das penas, a rola pé uma das aves mais antipáticas da criação. Pelos menos assim parece estar estabelecido entre as populações das pequenas vilas que disputavam às machambas e às matas de micaias os terrenos do vale do Incomáti.

Essencialmente prática, a rola sacrifica no seu voo a graça de uma pirueta e a amplitude de uma curva à necessidade de chegar mais depressa. Ninguém se lembra de ter visto uma rola a deixar-se embriagar pela carícia do vento, como frequentemente acontece à andorinha; por certo também ninguém ouviu dizer que uma rola tenha passado uma manhã inteira a catar piolhos no ventre e a alisar a penugem, como faz a preguiçosa sécu.

Com os olhitos negros sempre vigilantes, a rola viaja na esteira dos grãos e volta pontualmente todos os anos, semana antes do início das colheitas. Reproduz-se enquanto vai e volta e engorda calmamente com o tempo.

O seu cantar, que não tem tempo de ser musical, é imediatamente

triste; é uma espécie de refilão rouco e agreste. Às vezes, sendo monótono, é descritivo e nostálgico. Nunca, porém, poético ou divagante: é sempre horrivelmente direto.

Cantando, a rola não lamenta, como faz muitos outros pássaros, acusa. Entristece o vale.

Quando o visgo adocicado o bago de milho seca e a espiga endurece, o vento levanta do chão das machambas e do seio das matas a poeira adormecida desde as últimas chuvas. O céu torna-se pardo e decai por sobre as machambas. Animado, o vento sobe e durante dias redemoinha espirais de folhas secas, roubadas ao chão das matas, assustando as rolas que fogem dos campos.

Depois das machambas cobrem-se de amarelo e, maduros, os grãos se desprendem das espigas. O vento já está farto de ser esfiapar pelos espinhos vibrantes das micaias e já entonteceu de tanto redemoinhar. As rolas voltam ao ataque, refeitas do susto e habituadas ao zunir contínuo e inofensivo. Então chega o nhinguitimo.

Nuvens apressadas escapam-se dos montes Libombos, e descendo a encosta, atravessam o vale. O ar para; os bichos buscam as tocas e as micaias nuas retalham firmemente o céu cinzento.

O nhinguitimo irrompe pelo vale e varre instantaneamente a poeira que enche o ar. Célebre, vasculha as matas, derruba os pés de milho e dobra as micaias, que gemem de aflição.

As rolas procuram refúgio no mais recôndito da folhagem espessa das figueiras que seguram o rio no seu leito. Enquanto as mais novas se apertam umas às outras, tremendo de medo, as mais idosas comentam o tempo com o seu arrulhar soturno.

Duas ou três rolas, seis no máximo, perfuram nervosamente o espaço, por sobre as machambas avisando dos perigos da tempestade e conduzindo a retirada.

Como seria possível esquecer aquela noite, caramba?

Em noites extremamente úmidas como aquela, por um acordo tacitamente firmado entre nós e os nossos pais, permitíamo-nos retardar anormalmente a hora e recolher em mais duas dúzias de partidas de sete-e-meio. De resto, os hábitos quase sempre rígido da vila escangalham-se com o excesso de umidade que todos os anos se fazia sentir pouco antes das grandes chuvadas: o administrador, o médico, o chefe dos correios, o veterinário e o chefe da estação, iam beber para o balcão da cantina do Rodrigues sítio geralmente tido como impróprio para a gente grada da vila; os trabalhadores das machambas do vale abandonavam os acampamentos e iam abancar no salão da frente da cantina Rodrigues, sítio onde só eram admitidas pessoas “da nossa melhor sociedade”, no dizer do próprio Rodrigues; as prostitutas da vila, normalmente tímidas e obscuras, circulavam alegremente por entre as mesas, deixando que os rapazes e os trabalhadores das machambas lhes beliscassem as coxas e que os membros da tal melhor sociedade da vila lhes acariciassem sub-repticiamente os traseiros.

Por detrás do balcão-frigorífico recentemente comprado, o Rodrigues, todo boa-disposição, animava as investidas medrosas dos senhores da vila aos rabos das prostitutas e dava palmadinha nas costas dos trabalhadores das machambas, fazendo-os tomar mais uma pinguinha. O tipo ficava terrivelmente satisfeito com o fato de a tasca dele se transformar de repente em centro de reunião da vila. Às vezes desaparecia pela porta dos fundos, ia acordar a mulher e fazia-a espreitar a sala para que ela visse com os próprios olhos a experimentar os olhos a excelente ideia que fora a compra do balcão-frigorífico, já que toda a vila se matava pelas suas bebidas sempre geladas.

Por entre aquela confusão toda, eu e os outros rapazes inteirávamo-nos das ideias dos senhores importantes lá da vila, confraternizávamos abertamente com as prostitutas, sem que isso merecesse qualquer reprovação e oferecíamos cigarros aos trabalhadores; matávamos a sede com coca-colas e o tempo com aldrabices.

De uma maneira geral, as conversas versava sobre assuntos

relacionados com a agricultura do vale: os senhores “da sociedade” discutiam o preço que o milho poderia atingir; os trabalhadores acariciavam velhos sonhos possíveis de realizar com a abundância que se previa para aquele ano agrícola; nós anunciávamos solenemente números correspondentes ao dobro e ao triplo da quantidade de sacos de milho que os nossos pais esperavam colher. Não se executando, as prostitutas perguntavam umas às outras o que deviam fazer com o dinheiro ganho durante a fartura das colheitas.

Eu não era amigo do Vírgula Oito. Aparentando ser muito novo, o tipo era magro, desengonçado. Embora trabalhasse na machambas do Rodrigues, tinha a sua própria machambas do outro lado do Rio, no Goana, um sítio onde o administrador ainda não tinha ordenado o levantamento da reserva indígena.

Naquela noite, quente, terrivelmente úmida, em que parecíamos mergulhados num líquido orno, pegajoso, estava eu a olhar para a escuridão da rua, sinceramente chateado com tudo o que ouvia dizer à minha volta quando o Vírgula Oito apareceu à porta do bar. Vestia uma camisola interior muito branca e umas calças de cáqui, cheias de bolsos e de remendos coloridos, como as dos magaiças. Parou um pedaço, pestanejou para habituar a vista à luz intensa das lâmpadas da loja e dirigiu-se para uma mesa próxima onde estavam Maguiguana e o Matchumbutana, também trabalhadores da machambas do Rodrigues da loja. Lembro-me da ainda do seu andar desajeitado e bamboleante, os seus ombros secos e estreitos e dos seus olhos brilhantes.

- Boa noite... – disse o tipo para os outros. Falava em swazi.

- Boa noite, Massinga – responderam os outros em changane.

Caramba, ainda hoje parece-me sentir no ombro o rude impacto dos encontrão que o tempo e deu quando, com o seu andar desengonçado, passou pela mesa da malta!

Como não podia deixar de ser, a conversa que se desenvolveu na mesa às minhas costas era sobre colheitas que se avizinhavam. Para fazer inveja aos outros, o Vírgula Oito desatou a falar do seu milho, do seu feijão,

do seu amendoim, das suas couves, da sua batata...Também se fartou de falar da N´teasse, uma rapariga lá do Goana, filha do Sigolohla.

A voz do Vírgula Oito lembrou-me o arrulhar das rolas que, para exercitar a pontaria, nós “abatíamos” todas as tardes nas machambas próximas à curva do rio.

Chiça?! Mas que calor fazia naquele dia, caramba! Suava, horrorosamente sentia um torpor, uma espécie de sonolência febril.

Perdi 4 maços de cigarros ao sete-e-meio. Depois definitivamente enjoado, fui-me embora. A Marta mostrou desejos de vir comigo. Nem me opus nem a animei. Ela veio.

Muito depois de abandonar a Marta, já em casa, enquanto esperava pelo golpe seco e fulminante do sono, o tom bíblico a última frase que ouvira do Vírgula Oito veio-me à memória:

- Quando chegar o “nhinguitimo” tudo vai mudar – dissera ele. – As machambas grandes que eles fazem vão ficar destruídas pela fúria do vento. As nossas machambas continuarão a amarelecer calmamente porque as grandes árvores do outro lado do rio protegem-nas dos ventos. O preço do milho vai subir e nós vamos ter algum dinheiro. Deus tem de querer que seja assim...

Pôça, aquilo era um calor de matar! Umidade sei lá como o quê e o céu todo cheio de estrelas. Chateava pensar que as grandes chuvadas ainda tardariam. Estive quase para ir toar outro banho de chuveiro, mas entretanto adormeci.

O Rodrigues da loja fartou-se de esfregar o tampo do balcão.

Vírgula Oito bateu com o copo vazio no tampo da mesa e limpou os beiços às costas das mão. Com um rápido olhar, certificou-se do interesse dos seus companheiros no que acaba de revelar e pigarreou para aclarar a voz, antes de continuar.

- Se eu chegar fogo à mata e não apagar as chamas durante três dias seguidos, fico com uma machambas duas vezes maior - a sua voz tinha um tom de confiança – O dobro – murmurou.

- Mas nessa altura ficas com tanto dinheiro como o Lodrica e os outros brancos... – admirou-se o Maguiguana. – Até poder comprar trator...

- Nessa altura pago o imposto, compro sapatos, um fato, um chapéu, uns óculos, uma bengala e um sobretudo...e caso-me com N'teasse... – esclareceu o Vírgula Oito. – Se o milho chegar aos duzentos escudos o saco, para o ano aumento a machambas. Já falei com o régulo e ele disse que sim... Arranjo uns homens para me ajudarem porque a minha mãe está velha e a minha irmã casa-se um dia destes na igreja do Padre. Arranjo uns homens para trabalhar só para mim, como moleques, e eu mesmo é que lhes pago quando chegar o fim do mês, porque nessa altura sou eu patrão...

- Mas ... – suspirou Matchumbutana,

Rápido, Vírgula Oito percebeu um esboço de dúvida.

- Não acreditas?... – atalhou.

- Bem, eu acredito...

Vírgula Oito virou-se interrogativamente para Maguiguana.

- Bem, eu também acredito – apressou-se este a esclarecer.

Repetindo a rodada de whisky, Rodrigues insinuou:

- Por que é que que o senhor administrador não vai ver a terra com os seus próprios olhos?

- Porque tenho mais que fazer, homem!... – respondeu o administrador, desapertando mais um botão de camisa.

Enquanto deitava uma medida de água gelada nos copos, Rodrigues murmurou para si: merda... Logo depois voltou ao ataque:

- Senhor administrador, as infraestruturas desta província...

- e as médias e as super-estruturas... – acrescentou o administrador, imitando a voz de Rodrigues. Todo o grupo se riu perdidamente. Satisfeito com o aparte que fizera, o administrador repisou-o quando as gargalhadas começavam a diminuir de intensidade. O grupo voltou a dobrar-se sobre o ventre, espremendo outra explosão de gargalhadas.

Envergonhado, o Rodrigues afastou-se, polindo afanosamente o tampo do balcão-frigorífico.

- ... e as médias e as super-estruturas... – voltou a declamar o administrador.

- Merda... – murmurou o Rodrigues, quando, tendo atingido a ponta do tampo teve de descer o pano por uma das paredes laterais do frigorífico para poder continuar a esfregar. “Merda”... – repetiu quando chegou a chão. Arregaçando o beijo, ergueu-se e aproximou-se do grupo.

- ... e as médias e as super-estruturas...

Obediente, o grupo soltou outra gargalhada. O Rodrigues dentro do ritmo, muito desportivamente contribuiu também com a sua gargalhadinha.

- Massinga... Ouve, eu acredito nisso tudo que tu dizes que vais fazer... – afirmou Matchumbutana – Na verdade acredito, mas...

- Mas o quê? - a voz de Vírgula Oito tornou-se impaciente. Maguiguana justificou-se:

- Sabes... Eu não sei se eles não ficarão zangados por tu eres tanto dinheiro...

- Eles são capazes de não gostar, Massinga... – acudiu Maguiguana. – Eles são capazes de não gostar... É que tu és capaz de ter mais dinheiro do que o enfermeiro e o interprete, os assimilados...

- Mas por que é que vocês pensam que eles se hão de zangar? – Vírgula Oito adotou um tom de voz extremamente paciente – eu não mato nem roubo; como o que ganho no trabalho; gasto o dinheiro com a minha família; pago o imposto... Pago aos meus trabalhadores... Como é que eles se podem zangar?

- Bem... assim não se zangam... Assim não se podem zangar... – O Maguiguana tentava desculpar-se.

- Não se zangam...Acho que não se zangam... – O Matchumbutana também retirou a sua dúvida.

- Amanhã vou lá para casa – Vírgula Oito reiniciou o fio da narração, desconhecendo os restos de incredulidade que os outros ainda

mostravam. – O Lodrica deixa-me ir porque eu disse-lhe que precisava de ir para casa para consertar as palhotas. Chego lá e dou uma ajuda à minha mãe e à minha irmã na colheitas... E vejo a N'teasse...

- Senhor administrador, se eu insisti nisto é só porque me custa ver uma terra tão rica a ser desperdiçada pelos pretos. – O Rodrigues tinha conseguido deter a palavra depois das três rodadas de whisky que durou a festejar o aparte do administrador, - e sempre lhe digo que esta vila podia ter melhor sorte se desse um pouco mais de atenção às pretensões das suas gentes... (o Rodrigues dava sua moradia vingativa...) Senhor administrador, eu sempre confiei na clarividência com que Vossa Excelência dirige superiormente os interesses das populações neste momento conturbado... – O Rodrigues retificava a canelada – mas isto lá do baixio do Goana é tão importante...

- Vírgula Oito! – chamou o Rodrigues – Vírgula Oito! Anda cá... o senhor administrador quer perguntar-te umas coisas lá do teu sítio...

Vírgula Oito aproximou-se do grupo. Erguendo as mãos até à altura da cabeça, numa espécie de continência, saudou o administrador:

- Bayeti n'kossi.

- O senhor administrador pode interrogar este indígena e inteirar-se da veracidade das minhas afirmações... O Rodrigues esfregou o pano ao tampo do balcão-frigorífico, em pequenos e rápidos movimentos circulares - ...e inteirar-se da veracidade das minhas afirmações... repetiu a frase para si próprio, satisfeito com a ressonância solene da sua voz ao proferi-la.

- Como é que tu te chamas, ó rapaz? – perguntou o administrador.

- Eu chama Alexandre Vírgula Oito Massinga, senhoro Mixadoro!

- O Rodrigues voltou da ponta do balcão numa corridinha e debruçou-se para a conversa, todo interessado:

- Interrogue-o, interrogue-o senhor administrador! ...

- Onde é que tu trabalhas? – interrompeu brutalmente o administrador – Onde é que tu trabalhas, rapaz?

Vírgula Oito atrapalhou-se com a ira do administrador. Quando se dominou, respondeu:

- Eu trabalha machambas patrão Lodrica. Trabalha muito tempo mesmo...

- Alexandre Vírgula Oito Massinga... Raio de nome ...De onde é que tu és?

- Eu sou do induna, Goana, senhora Mixadoro...

- O barulho que enchia a sala cessara instantaneamente. Toda a gente se pôs à escuta. Maguiguana segredou a Matchumbutana, encostando-lhe os lábios ao outro ouvido:

- Eu não disse que eles não haviam de gostar?

Movendo a cabeça num largo assentimento, Matchumbutana devolveu a pergunta intata:

- Eu não disse que eles não haviam de gostar?

- Eu não disse? – insistiu Maguiguana.

- Eu não disse? – repetiu Matchumbutana.

- Tu tens machambas lá no Goana?

- Eu tem machambas lá mesmo na Goana sinhor Mixadoro...

- Tem muita machambas lá?

- Tem muito machambas lá sinhor Mixadoro...

- Machamba lá no Goana é produtiva? Raios...Produtiva não! ... É bom? ... Machamba lá no Goana é bom? ... Jesus, isto só com o intérprete, lá na administração...

Alarmado, o Rodrigues ofereceu-se:

- Eu posso servir de intérprete, senhor administrador...

- Não!...

O pano arrancou do tampo do balcão-frigorífico um chiar aflitivo. “Merda” ... - ganiu o Rodrigues.

- Ouve cá, tu tiras muito milho lá na tua machambas?

- Cada vez tira, cada vez não tira, sinhor Mixadoro...

- O que é que estás para aí a dizer, homem?

- Eu diz eu tira, sinhor Comandante...

O administrador conteve o riso que lhe provocara o novo tratamento.

- A terra é boa?

Vírgula Oito percebera a rápida sombra que perpassou pelo olhar do administrador quando o tratara por comandante:

- Terra é bom, sinhor Mixadoro...

- A terra é boa? - berrou novamente o administrador, irritado com a perspicácia do trabalhador.

Vírgula Oito demorou a resposta, indeciso:

- Terra é bom... – e aguardou o efeito da nova fórmula, apertando as mãos ao peito.

Depois de olhar para Vírgula Oito de cenho franzindo, o administrador explodiu numa gargalhada. Rápido, o Rodrigues introduziu o acompanhamento à terceira quebra do riso do administrador. Mais moroso, o grupo que rodeava o administrador começou o coro já com bastante atraso.

Algumas raparigas desataram a rir sem que tivessem percebido o que se passava.

Menos tenso, Vírgula Oito disfarçou um sorriso, baixando a cabeça.

- Está bem, rapaz, vai-te embora... Depois falamos, meu vivaço...

Novamente, Vírgula Oito ergueu-se os braços numa saudação.

- Nós, não dissemos? ... Nós não dissemos que eles não haviam de gostar, Massinga... – O Maguiguana estava todo excitado – Dissemos ou não dissemos?

Vírgula Oito fitou longamente as palmas das mãos antes de responder:

- Nós dissemos... – Matchumbutana parecia satisfeito com a atrapalhação de Vírgula Oito.

- Vocês sabem... Eu não sei falar como o intérprete ou como o enfermeiro, eu não sei falar bem a língua deles...

A terra do Goana era boa que se fartava

Embora na última estação as chuvas tivessem sido abundantes, o lodo do vale já secara havia alguns meses.

Causticada por um sol intenso, a terra endurecida fendera em sulcos sinuosos e profundos. Livres da sujeição das raízes do capim, àquela altura do ano já duras e quebradiças, as terras da encosta soltavam-se e rolavam ao mínimo solavanco do vento, exalando uma poeira densa que caía sobre o vale, asfixiando a folhagem das árvores e turvando as águas vagarosas do rio.

A todo o comprimento do vale, o lençol de machambas ondulava rigidamente, percorrido pelas rajadas breves de um vento volúvel.

Maduras, as espigas pendiam para o chão, gordas e inteiriçadas.

Do outro lado do rio, a colheita já tinha sido iniciada. As pequenas machambas mergulhadas na espessura da floresta enchiam-se de gente que afanosamente partia as espigas de milho das hastes. Era um matraquear entusiasmado, uma corrida contra a baixa de preço que surgiria quando os armazéns da vila se enchessem com o milho dos grandes agricultores.

Em volta das povoações os celeiros intumesciam rapidamente durante as manhãs para durante a tarde, vomitarem as espigas para a debulha. Durante a noite, comboios de pequenas jangadas ajoujadas de sacos atravessavam o rio.

Encravadas entre grandes propriedade, tituladas e demarcadas com cercados de arame farpado, as “reservas indígenas” cresciam em profundidade, dando para o rio uma frente estreitíssima. Contra a regra, a reserva da região do Goana dava ao rio uma das fazes do seu comprimento. Todas as suas pequenas machambas tinham por isso acesso às águas do Incomáti.

Situada a 12 quilômetros da vila, na outra margem, era a mais prospera de todas a circunscrição. Compreendendo terrenos baixos, alagadiços, era manchada por uma série de lagos que se mantinham mesmo durante a estação da cacimba.

Nos terrenos mais secos do Goana apareciam belos milheirais,

regado por valas abertas pelos agricultores. Nas zonas pantanosas verdejava o arroz, o tabaco e, em pequenas áreas recuperadas à água pelos aluviões, cavava-se batata.

Um extenso véu de vapor cobria as terras do induna Goana. De malha finíssima, a nuvem rodeava as árvores, as casas e os animais num halo azulado, sem conduto depositar nas superfícies indícios de umidades.

Saudando o dia, os sons do mato, ainda vagos bocejos roucos e, por vezes estridentes, zigzagueavam preguiçosos, saltitando de folha em folha e ecoando surdamente até se perderem na profundidade do véu de vapor.

Um forte cheiro a barro subia da terra, misturava-se aos vapores acres do pântano e às fragrâncias da floresta; depois agarrava-se às gotículas do véu azulado e desfazia-se em cima, no ar já intensamente dourado pelo sol nascente.

Com as narinas frementes Vírgula Oito sorveu longos haustos do vapor fresco da manhã, antes de enveredar pelo caminho estreito. A cada passo sentia a carícia leve da franja de capim que pendia para a pequena concavidade do caminho, uma cócega agradável nos tornozelos e nos calcanhares.

Vírgula Oito atravessou a machambas, pondo em debandada uma nuvem de insetos que, pendurados nas plantas, esperavam a chegada do sol.

Descuidado, deixou que os espinhos de uma pequena micaia que se disfarçava no capim lhe dilacerassem o braço. O sangue brotou imediatamente do rasgão, mas Vírgula Oito não se preocupou.

O trabalhador deambulou pelos regos da machambas, e, por fim, ébrio do cheiro forte da terra, deixou-se cair sobre um tufo de ervas.

Bocejando restos do sono. N' teasse, filha de Sigolohla, avançou

lentamente até transpor o limite da povoação. Desinteressada, ajeitou a capulana e espreguiçou-se com um gemido. O mato acolheu-a com uma carícia gélida. Estremeceu.

A nuvem de vapor perturbou-se ligeiramente, encrespou e dividiu-se. Depois uniu-se, envolvendo-a.

A terra de Goana ainda dormia; os campos, de um amarelo azulado, estavam desertos. Aqui e ali, enormes pirâmides de espigas de milho elevavam-se do seio da machambas.

Com uma lentidão caprichosa, Vírgula Oito levantou-se do chão. N' teasse ria-se nervosamente, com os dentes a faiscar por entre os lábios. O seu corpo estremecia sacudido pelas gargalhadas.

De pé, Vírgula Oito fez menção de se atirar sobre a rapariga que, assustada, fugiu com um grito. Poucos passos volvidos parou e voltou a rir-se, numa provocação. Vírgula Oito avançou. Ela recuou.

- Espera aí...

- Para quê? ...

- Espera...

- Não...

Vírgula Oito correu, mas tropeçou e caiu. Com raiva, ouviu o riso excitante da rapariga.

- N' teasse! ... – suplicou.

De gatas, Vírgula Oito arrastou-se cuidadosamente pela estreita passagem entre as micaias. Do outro lado dos arbustos N' teasse espreitava-o, sorridente.

Quando Vírgula Oito transpôs a passagem, N' teasse sorria envergonhada. À intensidade do olhar de Vírgula Oito, baixou os olhos. Embaraçado, o homem afrouxou o braço; e a rapariga desprendeuse com um safanão e fugiu.

Deitado no capim, Vírgula Oito deslizou com a ajuda dos pés, aproximou-se de N'teasse. Brandindo um pau, a rapariga mantinha-o à distância, sorrindo satisfeita.

- N'teasse... – ameaçou Vírgula Oito, atirando-se para a frente.

O pau caiu pesadamente sobre o ombro do homem. A rapariga soltou uma breve gargalhada. Vírgula Oito tentou segurar o pau, mas N'teasse magoou-lhe os dedos.

- N'teasse...

A rapariga arrastou-se pelo capim, fugindo devagarinho.

Por fim, Vírgula Oito conseguiu segurar o pau. A rapariga puxou. Com o braço livre o homem alcançou-lhe o tornozelo.

Flacidamente, a rapariga lutou para se libertar. Depois cobriu os olhos com as mãos e gemeu baixinho.

Nhinguitimo

- Massinga, nós não podemos fazer nada... Eles levam-nos as terras e nós temos de não dizer nada...

Vírgula Oito não respondeu. Sentado num caixote, mantinha-se de cabeça baixa. Matchumbutana insistiu:

- Tu não te podes zangar, Massinga... Não te deves zangar...

- Matchumbutana... – Vírgula Oito falava lentamente, titubeante – Matchumbutana... Eu nasci naquela terra... O meu pai também nasceu lá. Toda a minha família é do Goana... Os meus avós todos estão lá enterrados... Maguiguana, o Lodrica tem lojas, tem tratores, tem machambas grandes... Por que é que ele quer o nosso sítio? Por quê? ...

Em volta, o Zedequiel, o Munanga, o Alifaz, e os outros trabalhadores da machambas do Rodrigues seguiam a conversa, acocorados.

- Eu trabalho aqui, na machambas dele – continuou Vírgula Oito – eu compro o que preciso na loja dele... A minha mãe, quando vem cá à vila vai para a loja dele...

- Massinga, deixa lá isso, o Mixadoro é capaz de não manda

sair ninguém... Se o Padre disse que ia falar com ele tu não devias pensar assim... – assustado com o tom da própria voz, o Matchumbutana calou-se de repente.

O condutor meteu a primeira e acelerou. Relutante, o camião avançou, rugindo. No pino da subida o condutor meteu a segunda e o camião hesitou vagamente, antes de rolar, mais dócil, pela picada.

Evitando um monte de sacos, o carro resvalou do trilho, derrapou mas logo se recompôs. Com metros à frente, já na machambas, parou com um estremecimento.

- Ei rapazes! – gritou o capataz, saltando para o chão – Carregar num instante! Tenho pressa!... Vá!...

Zedequiel deixou cair uma espiga e chamou os companheiros com um gesto. Vírgula Oito continuou acocorado, por detrás de uma pirâmide de milho.

- Onde é que está o Vírgula Oito? – perguntou o capataz – Esse Vírgula parece que anda a querer brincar...

Vírgula Oito aproximou-se:

- Eu está doente, patrão... Dói cabeça... Dói muito...

- Está bem, quando largares podes ficar doente à vontade, mas agora vai ajudar os outros a carregar o camião...

Todo abatido sobre as molas, o camião inverteu o sentido numa manobra trabalhosa e meteu pela picada, gemendo e bufando.

- Zedequiel! Matchumbutana ... Maguiguana! Munanga!... Vocês todos! ...

Todos os trabalhadores se aproximaram de Vírgula Oito.

- Vocês digam-se uma coisa: acham que isso do Lodrica está certo? ...

Ninguém respondeu. Vírgula Oito dobrou-se sobre o ventre e riu mansamente.

Intrigados, os trabalhadores entreolharam-se.

- Os outros também se encheram de medo... – disse por fim Vírgula Oito, todo sufocado pelo riso – Estão todos com medo...

Surgindo do sul, as nuvens avançavam rapidamente, tingindo o céu de negro.

- Estão todos com medo... Nós vamos ficar sem nada e todos continuam com medo...

O estrondo enorme do primeiro trovão esmagou o riso de Vírgula Oito. Rugindo, o vento trouxe uma nuvem de poeira que envolveu os homens. Vírgula Oito ergueu o olhar e abriu os braços pateticamente.

- É o nhinguitimo!... – gritou alguém.

- De braços erguidos, Vírgula Oito explicava ao céu pensamentos que o vento desfazia.

- Massinga!... Massinga!... Virgulô!...

- Nhinguitimo!... – gargalhou Vírgula Oito, cambaleando.

Perfurando nervosamente a poeirada, duas ou três rolas, talvez seis, sobrevoaram os trabalhadores em círculos aperados. Depois do aviso frenético, as rolas rumaram para as grandes florestas do outro lado do rio, fugindo do nhinguitimo.

Nessa noite juro que senti raiva

Lá fora a chuva caía miudinha. Não fazia propriamente frio, mas o tempo estava bastante mais fresco.

- Sete-e-meio real! – gritou alguém a meu lado. Baixei as cartas e procurei mais umas moedas no fundo do bolso.

O Maguiguana entrou antes de eu pousar as moedas na banca. Todos coberto de lodo, espumava e berrava estupidamente. Ao meio da sala, arquejante, anunciou:

- Vírgula Oito ficou maluco patrão... Matou Zedequiel. Também queria matar eu, mas eu fugiu, correr muito mesmo!... A nós queru agarrar ele e ele começou matar nós!... Estava falar com céu... A nós queria levar ele para fugir de vento de nhinguitimo...

Todo debruçado por sobre o tampo do balcão-frigorífico, o Rodrigues abriu a boca, sem poder emitir qualquer som. Depois falou.

- Homens! Peguem em armas e vamos abater esse negro antes que ele mate mais gente! Vamos depressa antes que aconteça qualquer coisa de muito mau nesta vila!... Meu Deus!...

Pouco depois de eles saírem, levantei-me da mesa:

- Vão todos à merda mais a estupidez deste jogo!

Ninguém se preocupou comigo. Saí. Poucos passos tinha dado quando senti a Marta a chapinhar, atrás de mim.

Caramba, como é que é possível haver tipos como eu? Enquanto eu matava rolas e jogava apo sete-e-meio aconteciam uma data de coisas e eu nem me impressionava! Nada, ficava na mesma, fazia que não era comigo...

- Marta! – chamei. A rapariga veio a correr.

Pôça, aquilo tinha que mudar...

HONWANA, Luís Bernardo. **Nós matamos o Cão-Tinhoso**. São Paulo: Ática, 1980. p. 78-96.

1. Como o narrador caracteriza as personagens?

2. No decorrer do texto, como o personagem Vírgula Oito se vê no futuro?

3. Luís Bernardo Honwana é um escritor moçambicano. Ele escreve em língua portuguesa, contudo ao longo do texto existem palavras que são próprias da língua portuguesa em Moçambique.

a. Identifique no texto algumas dessas palavras e/ou expressões e tente entendê-las.

--

--

b. Você teve dificuldade em compreender o sentido dessas palavras?

5. O título do conto é “Nhinguitimo”. O que o conto procura narrar?

6. Existe uma preocupação por parte do narrador ao descrever a terra em que ocorrem as plantações de milho. Como o narrador a descreve?

7. No trecho “Massinga... Ouve, eu acredito nisso tudo que tu dizes que vais fazer... [...] Sabes... Eu não sei se eles não ficarão zangados por tu teres tanto dinheiro... Eles são capazes de não gostar disso... Eles não vão permitir que tenhas tanto dinheiro... [...] Eles são capazes de não gostar, Massinga... [...] Eles são capazes de não gostar ... É que tu és capaz de ter mais dinheiro do que o enfermeiro e o intérprete, os assimilados... [...].” (HONWANA, 1985, p. 152)

a) Neste trecho está claro um discurso contra Vírgula Oito. Qual é ele?

Parte III – Portfólio

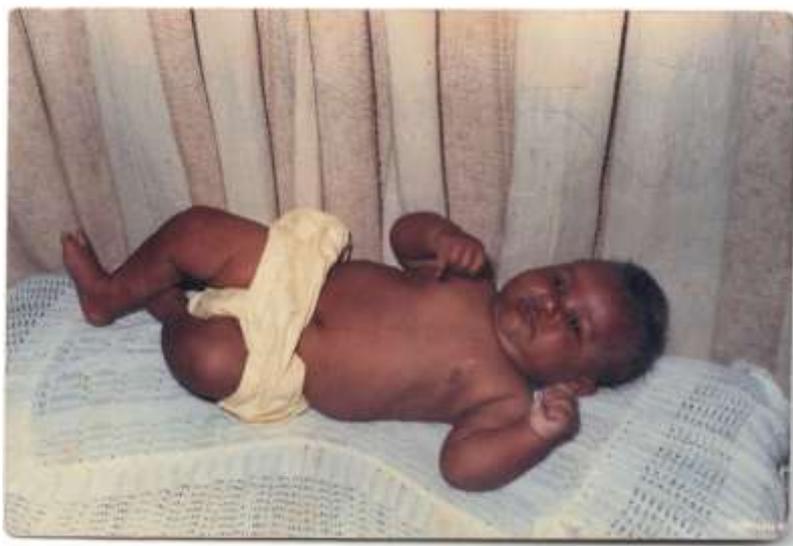
1. Histórias de vida e memória.

“Há na memória um rio onde navegam
Os barcos da infância, em arcadas
De ramos inquietos que despregam
Sobre as águas as folhas recurvadas.”

José Saramago

[1]

Nasci no dia 20 de setembro de 1987, no Hospital São José localizado na cidade de Bicas, uma pequena cidade do interior de Minas Gerais. Contudo, após meu nascimento fui morar em outra cidade que fica a 14 km daquela de onde nasci.



(Foto 1. Alguns meses após meu nascimento, 1988)

Minhas origens vem de um simples lugar no interior das Minas Gerais, Maripá de Minas onde aprendi os primeiros passos, as primeiras letras e em que pude ter intensos momentos de felicidade e de também de tristeza. Com a vida passando, trazendo consigo diversos ciclos naturais da vida, fui percebendo o que havia em minha volta.

Lugares, coisas e principalmente pessoas. Estas que me marcaram, que me auxiliaram e que de algum modo ajudaram e influenciaram na construção de

minha identidade. Penso que cada membro de minha família participou nessa construção.

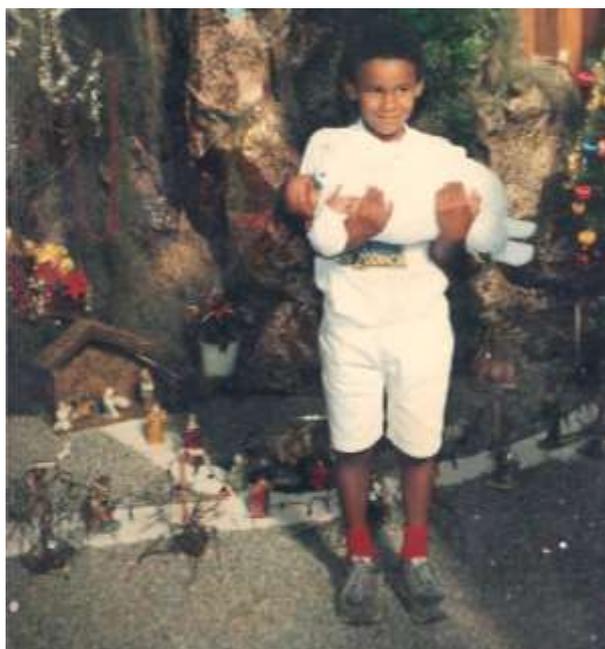
Sobre as memórias que tenho guardado; estão as da infância. Sempre me considerei um menino esperto, um pouco tímido. Tinha por volta dos 6 e 7 anos de idade fortes crises de asma que me fazia vulnerável a muitas brincadeiras, pois sempre gostava de brincar com os meninos que viviam próximo a minha casa. Além disso, considerava-me um menino um pouco vergonhoso, calado, mas ao mesmo tempo levado. Quantas vezes tinha que esconder e correr contra os castigos que minha mãe a até mesmo de minha avó materna me impunha.

Para mim, a personalidade de minha mãe sempre foi marcante, pois ela sempre foi brava, nervosa, mas ao mesmo tempo percebia o lado materno e de bondade que existia naquele tempo de criança. Quando fazia bagunça, sabia que tinha que correr, pois se não ia sofrer com as consequências diante de minhas bagunças.

Durante a infância, cresci e vivi com meus pais. Além de morar com eles, frequentava a casa da minha avó materna onde havia mais três outros primos meus, que também moravam com ela. Sinto falta desse tempo que não volta mais, mas que a cada tinha sinto saudades. Este tempo era de casa cheia.

Minha avó teve trezes filhos, minha mãe é a filha caçula. Em datas especiais, como Natal, carnaval, aniversário havia gente demais naquela casa.

Fui filho único até o ano de 1995, quando nasceu meu irmão.



(Foto 2. Batismo do meu irmão, 1995)

Algo que considero importante na minha infância sempre foram origens. O contato com tios e tias, primos e primas afirmava em mim um sentimento de pertencimento. Sempre me recordo que minha avó sempre tinha como hábito contar histórias que retomavam seus tempos de infância, quando era adolescente, após casada. E as histórias que mais me recordo eram aqueles que remontavam a história de sua mãe e pai e como surgiu o seu casamento, como conheceu seu marido e depois quantos filhos tiveram, os seus netos. E ainda também relatava a história de lugares onde havia passado antes.

Hoje percebo o quanto essas narrativas eram e ainda continuam sendo valiosas que existem nelas.

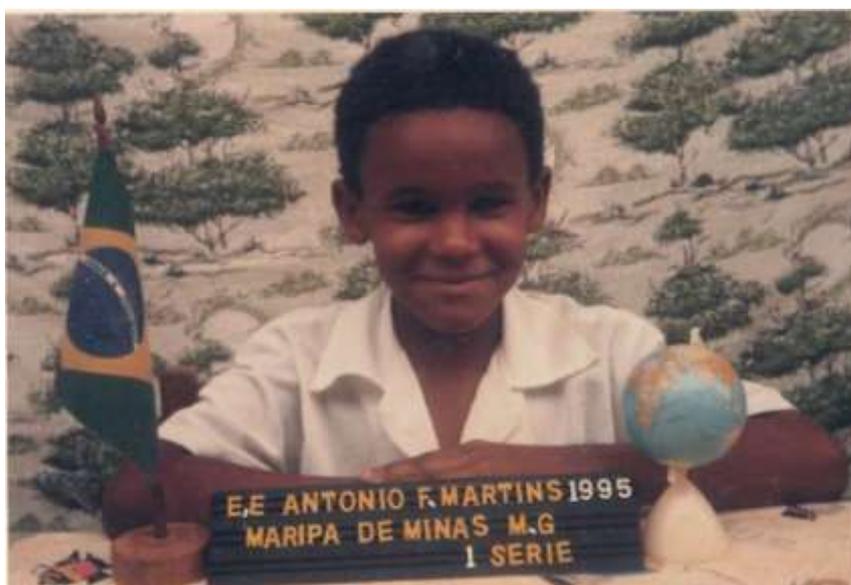
[II]

Na vida escolar, sempre tive problemas de aprendizado. Minha mãe sempre era solicitada à minha escola por causa do baixo rendimento. Ela sempre focou o estudo em minha vida, já que ela não teve oportunidade de se escolarizar. Assim, lembro-me das vezes que me levava pra ter aulas particulares com o desejo que eu pudesse aprender. De alguma forma, meu rendimento teve uma melhora significativa.



(Foto 3. Formatura Pré-escolar, 1994)

Graças a meus pais, continuei estudando e em 1995 estava na antiga 1ª série. Havia muito ainda por aprender. E durante esse 4 anos antes de entrar no fundamental II, aprendi muito e tive ótimos momentos.



(Foto 4. Formatura Pré-escolar, 1994)

Já no fundamental II, da 5ª a 8ª série, minha grande paixão foi o contato com a língua inglesa. Além do inglês tinha afinidade com História e Geografia.

Didaticamente, hoje percebo o quanto as aulas eram descontextualizadas, contudo os professores sempre atenciosos com suas aulas. Lembro que quando estudei o Egito, os professores frisavam apenas os aspectos políticos e econômicos, a sociedade, a religião, os rios que passavam naquela região, mas nunca davam ênfase na sua localização geográfica. Algum tempo depois de ter estudado essa civilização que me dei conta da localização dessa civilização.

Ao que se refere da cultura afro-brasileira, não me lembro de aulas que afirmassem enquanto um repertório importante na construção da identidade brasileiras, mas só me recordo das aulas de História que tratava do ciclo do açúcar em que apenas citava os negros como forma de mão de obra nas lavouras, nos engenhos, movimentando assim todo o empreendimento da casa grande.

O Ensino Médio foi um caminho dado a passos largos em busca de um objetivo: cursar Letras, já havia pensado e decidido. Esse período também foi marcante, devido os novos laços de amizades firmados.

Após a conclusão do Ensino Médio, passei no vestibular e fui cursar Letras. Foram 4 nos de muito estudo e certeza que estava me sentindo realizado, pois estava fazendo o que gostava. No curso, além da Língua Inglesa, as literaturas me despertaram a minha apreciação atenção e gosto por elas. O desejo de compreender um pouco mais sobre elas me fez estudar mais as literaturas portuguesa e brasileira, além de entender o contexto histórico em que elas desenvolviam.

Ainda no último período do curso de Letras, decidi prestar um novo vestibular, esse na época seria para o curso de História da Universidade Federal de Juiz de Federal. Prestei o vestibular e fui aprovado e assim no segundo semestre de 2012 comecei a cursar História e no final do mês de julho estava formando em Letras. Um ciclo de 4 anos, de 2008 a 2012, estava se findando trazendo muitas esperanças e expectativas. Foram muitas viagens até Juiz de Fora, muitas horas consumidas pelas viagens, mas valeu a pena.



(Foto 5. Formatura Letras, 2012)

Nesse íterim, sabendo de um processo seletivo para o curso de especialização em Literatura e cultura afro-brasileira, ofertado entre os anos de 2013 e 2014 pelo NEAB/UFJF, interessei-me e fiz a inscrição, participei do processo seletivo e fui aprovado. Este curso me possibilitou conhecer novos saberes concernentes à Literatura e a cultura referentes aos afro-brasileiros, bem como conhecer acerca dos primeiros escritores que abordavam o afro-brasileiro.

O curso me possibilitou ter contato com os estudos literários e culturais que envolvem o continente afro-brasileiro. Assim, percebo o quanto foi relevante ter cursado essa especialização.

Instigado por este curso, surgiu o desejo de estudar a cultura africana e afro-brasileira nas diversas áreas culturais como nas artes plásticas em que tive a oportunidade de estudar e desenvolver um artigo retratando a presença dos orixás nas produções artísticas de Rubem Valentim, bem como pensar o racismo contemporâneo a que os negros ainda estão subjugados, exposto à uma sociedade excludente.



(Foto 6. Turma do curso de Especialização Literatura e Cultura Afrobrasileira, 2013)

Embora o conhecimento apreendido no curso de certo modo fosse voltado para a realidade brasileira, estabeleci laços com tais teorias a fim de aplicar na área de Língua Inglesa, que atualmente tenho trabalhado nas escolas, buscando abordar a questão da presença dos povos africanos na América, especificamente em países como o Brasil, Cuba e os Estados Unidos.

Ao apresentar e abordar a literatura norte-americana aos alunos, podemos conversar sobre o racismo tão imbricado em sociedades como a dos Estados Unidos, a África do Sul, a exemplo como o sistema do apartheid, ocorrido entre o final da década de 40 até a década de 90, em que havia uma verdadeira segregação racial.

Utilizando poetas que trabalham a questão africana nos Estados Unidos como é o caso do poeta Langston Hughes que em sua poética discuti a presença da escravidão, a formas de tratamentos hostis aos negros na região sul dos Estados Unidos. Também canções como "Strange Fruit" de Billie Holiday que condena veemente o racismo americano, em decorrência de agressão a afro-americanos no Sul dos Estados Unidos. A partir de tais elos, percebi o quão é possível mostrar aos alunos as manifestações culturais negras, produzidas no Harlem Renaissance, que valorizaram as produções artísticas de negros.

[III]

Em um fim de tarde em meados de 2015, após um longo dia de trabalho, quando pesquisava algo no sítio da UFJF, vi que havia um edital de processo seletivo para a especialização em História da África. No mesmo momento, fiquei

interessando e li o edital a fim de saber informações sobre aquele curso e pleitear uma vaga. Aprovado no curso tinha naquele instante como foco aprofundar nos referenciais teórico-metodológicos que poderiam me auxiliar na construção de imagens positivas sobre as realidades e as sociedades africanas distintas daquelas que as mídias, e até mesmo os livros de história traziam, apenas o negro como escravo subjugado por um sistema excludente, sem ressaltar sua projeção mundial.

No entanto, além do crescimento pessoal e profissional, acredito que a melhor forma de mudar essa realidade de não conhecimento da história da África nas escolas, é através da construção de uma imagem mais reflexiva, livre de qualquer estereotipação equivocada que possa existir.

As redes de ensino no Brasil, a partir da lei 10.639/03 que institucionalizou o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana, vêm oferecendo cursos como esse da Universidade Federal de Juiz de Fora, no sentido de preparar os professores com a finalidade de trabalhar com abordagens teórico-metodológicas diferentes daqueles utilizadas antes a lei e até mesmo após, inserindo a importância de se estudar e compreender a História da África e o seu vasto arcabouço cultural trazido durante a diáspora negra sob uma nova perspectiva.

Penso que existe uma necessidade em olhar a história da humanidade e a história do Brasil a partir de outro ângulo, traçando uma perspectiva menos eurocêntrica, logo estabelecendo a inclusão de novos espaços e sujeitos no mapa da historiografia. De tal maneira, inserir a presença africana para se construir uma concepção de mundo que permita perceber aspectos das relações entre os povos. Tal entendimento sobre os processos históricos e dinâmicos sociais oportunizam inserir a sistematização do conhecimento sobre o continente africano nos currículos escolares e universitários.

Além disso, acredito que conhecer a história da África, é ter a possibilidade de desconstruir caracterizações depreciativas comumente veiculadas na mídia. O continente africano tantas vezes visto como o continente da miséria, da fome, de doenças endêmicas, de guerras “tribais” e do retrocesso. Ver o outro lado significa conhecer também a riqueza cultural, étnica, linguística, artística, intelectual, bem como as nuances de uma história tão complexa quanto ao da Europa.

Sob essa perspectiva, estar cursando uma especialização nessa área contribui de maneira significativa em (re)pensar o processo de construção da

nação brasileira surgida, também, em decorrência da herança africana trazida por diversos grupos étnicos vindos durante a diáspora negra.



(Foto 7. Turma do curso de Especialização História da África, 2015)

2. Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis.

magistério s.m. 1 aquele que professa uma crença

[1]

No segundo semestre do ano de 2016, completo 3 anos que tenho trabalhado no magistério e de lá até hoje reflito o quanto foi significativo meu aperfeiçoamento enquanto profissional da área da educação. Nos primeiros momentos, pensei que não iria conseguir romper e/ou seguir com o sistema, tantas vezes repetidos pelos profissionais da educação que discussão com tom de insatisfação, portanto reproduzindo frases do tipo: a) você é louco por entrar na área da educação; b) você vai cansar com o tempo, pois a educação está sucateada; c) vai mudar de profissão para você ganhar de dinheiro. Essas afirmações a princípio.

Confesso que algumas vezes cheguei a ficar desanimado ou até mesmo receoso pelo que poderia vir. Tais questionamentos geraram conflitos. Porém, mesmo diante de todas as descrições feitas a mim acerca da conjuntura atual do ensino brasileiro, não desisti (até o exato momento). Não desisti, pois acredito que existi uma força interior que acredita na mudança deste mundo através do ato revolucionário que é o processo educação.

Diante dessa perspectiva, essa atitude corrobora com a definição justa para a palavra magistério cujo significado é aquele que professa uma crença,

acredita interiormente em algo ainda que não se pode ver, tocar, mas que os resultados ainda estão por vir.

Assim considero que atualmente trabalhar na área educacional resume basicamente na crença por dias melhores. Como diz o poeta na canção: “*Vivemos esperando / Dias melhores / Dias de paz, dias a mais / Dias que não deixaremos / Para trás*”⁵ e bem como disse a poetisa Clarice Lispector *A fé - é saber que se pode ir [...]*⁶. Penso que é a partir de tais reflexões que muitos que o nosso papel como professores é na possibilidade de contribuir para a construção de um mundo melhor. E a busca dessa construção se baseia em muitas práticas pedagógicas que contribuía na reflexão da situação que a clientela [aluno] está.

Vivenciamos, nos dias atuais, muitos problemas de ordem social que necessita de urgente políticas públicas e educacionais capazes de intervir no sentido de ajudar os alunos. A cada dia mais o mundo tem passado por crises, assim, vejo o homem como o homem das crises. E é nesse aspecto que surgem problemas. Hoje cada mais cedo, vemos que esses alunos chegam na escola repleto de crises existenciais, fruto de convivências familiares, sociais etc.

O problema das drogas, da não aceitação, do bullying, das relações homoafetivas, racismo e dentre outras questões são cada vez mais presente na vida dos alunos, e enquanto educadores precisamos ajudar os alunos em relação a tais questões que são tão pertinentes.

Diante de tais questões, tenho revisto minhas práticas pedagógicas em consonâncias com as disciplinas estudadas no curso de Especialização em História da África ofertada pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E a partir das disciplinas, vejo o quão valorosas são. A começar por mim, comecei a perceber que a África não é apenas uma, mas sim várias. Ter essa noção é muito importante a fim de compreender os hábitos, os costumes, as tradições dos ancestrais trazidos para as terras brasileiras.

A questão da identidade de cada etnia é algo que mudou de maneira prática. Não se pode mais inserir todos os habitantes africanos como africanos homogêneos, mas sim reconhece-los de maneira heterogênea nos diversos aspectos socioculturais, e principalmente inseri-los com suas respectivas

⁵ Este é trecho da música Dias Melhores da banda mineira Jota Quest. Disponível em: <<<https://www.lettras.mus.br/jota-quest/46686/>>>. Acesso em 19 jun. 2016.

⁶ LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

nacionalidades. É antes de tudo necessário reconhecer uma habitante da Serra Leoa como um serra-leonino, um outro nascido do Congo como congolês e assim por diante. Não temos o costume de chamar alguém nascido no Brasil, no Chile, no Peru ou na Colômbia como sul-africano e sim por brasileiro, chileno, peruano e colombiano.

Recentemente, passei por uma situação que comprova a afirmação acima de como precisamos perceber e entender tais proposições. Certo dia, conversando com uma colega colombiana do curso de mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora, ela comentou que tinha o desejo de aprender a língua francesa e que iria começar a estudar, nos próximos dias. Comentando a ela que também tinha o desejo de aprender e perguntei quem era o professor. Quando ela disse de quem se tratava, impulsivamente disse que conhecia aquele professor que era africano que reside em Juiz de Fora. Naquele momento, ela começou a dizer que eu deveria reconhecê-lo por sua etnia e não pela totalidade, o correto seria chamá-lo de congolês. Percebi a complexidade existente em tal questão e que a partir de então não poderia mais trata-lo daquela forma.

Falando agora sobre o aproveitamento das disciplinas, vejo o quanto elas foram relevantes e registrar esses encontros é relevante à medida que se trata de um processo de ensino-aprendizagem que irei levar para minha conduta profissional. E tais encontros podem reparar e conduzir a novos caminhos em torno da temática do ensino da História da África, como também da cultura afro-brasileira.

O primeiro módulo chamado “Representações sobre a África” foi o período em que a proposta do módulo buscou refletir sobre as representações acerca da África e dos africanos em diferentes contextos históricos tanto no Brasil quanto no mundo. As análises das teorias raciais e seus efeitos em diversas sociedades que foram importantes para compreender como as imagens em relação ao continente africano foram construídas e ressignificadas ao longo do tempo, permitindo desta maneira entender os significados dos múltiplos eurocentrismos, afrocentrismos e africanismos.

Já o segundo módulo buscou refletir os currículos escolares, entendidos como documentos de identidade. Essa reformulação foi pensada a partir da implementação da Lei 11.645, que compreendeu o tema da História da África e,

consequentemente, as africanidades entendidas como dimensões centrais ao entendimento da singularidade cultural brasileira.

A professora Sônia Miranda ministrou nesse módulo dedicando-se a falar acerca da memória. Ela enfatizou a questão de como os professores podem contribuir de forma eficaz da memória do aluno. A viagem ao Museu da Maré foi de extrema praticidade para entender tais mecanismos associados à memória. A partir de então considero a memória como algo para ser refletido dentro do contexto escolar e vivenciado intensamente pelos alunos.

Outo aspecto importante apresentado pela professora Márcia Guerra foi a questão de como o continente africano é apresentado nos livros didáticos. E também possibilitando pensar em outros livros como os de língua portuguesa e estrangeira, os de geografias, os de química e outros. Penso que essa aula teve como propósito discutir a questão de como esse continente ainda tem sido mal abordado nesses livros muitas vezes de forma equivocada e preconceituosa.

As outras disciplinas de certo modo contemplaram a abordagem os aspectos relativos à política, ao panorama histórico e nacional de alguns países e regiões do continente africano como o Congo, a Guiné, o Egito, África do Sul, Senegâmbia, Moçambique e tantas outras.

Já o professor José Rivair contribuiu muito ao falar sobre os mandingas. Para ele, desde o século XII, esses povos criaram poderosos estados e exerceram poder em extensos territórios situados desde a orla do deserto do Saara até a região da savana e da floresta tropical. Assim, recuperando historicamente os processos de constituição do antigo Estado do Mali nos séculos XIII-XV, e dos estados mandingas e fulas dos séculos XVI-XVIII na Guiné, Gâmbia e Casamance no período anterior à constituição dos estados islâmicos unificados.

No módulo VII sobre manifestações artísticas em África, aprendi através das aulas e discussões em sala de aula um pouco mais acerca da Literatura africana de expressão portuguesa, francesa e inglesa. Essas manifestações tratam de representar um dado momento sócio-político em que muitos cidadãos lutavam por seus direitos por meio da produção literária. Por meio desses intelectuais é possível resgatar a tradição africana de contar histórias e por meio de suas palavras transformando os livros de literária em verdadeiras bandeiras contra o colonialismo português, francês, inglês dentre outros. Além de que

muitas obras literárias serviam para denunciar aquilo que não estava correto aos olhos dos africanos, bem como mostrar os contrastes políticos e sociais.

Todos essas disciplinas contribuíram no meu aperfeiçoamento e irão me auxiliar nas minhas práticas pedagógicas. Neste sentido, enquanto eu fazia o curso refletiva em torno das minhas práticas pedagógicas. Havia uma necessidade em abordar algum aspecto relacionado ao continente africano ou até mesmo a cultura afro-brasileira por meio da Língua Inglesa, porém sentia certa dificuldade por estar transitando numa língua estrangeira e por não conhecer tão bem as diversas culturas existente neste rico continente, assim não percebendo uma relação com o Brasil. Pensava que havia uma facilidade maior de se tratar a História da África e a cultura afro-brasileira em disciplinas como História, Geografia, Literaturas e outras disciplinas escolares, mas contudo hoje tenho a consciência da necessidade e relevância em inserir nas minhas práticas algumas temáticas referentes a questões que possibilitam o questionamento por parte dos alunos trazendo para eles discussões geradas por diversos veículos midiáticos envolvendo diversos textos literários, veiculados na internet, em revistas, em letras de canções e tantos outros gêneros literários.

Inclusive tenho trabalhando nas turmas de 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio e também percebo que se é possível levar tais discussões para turmas do 3º da EJA. Trago um modelo de atividade que ultimamente tenho proposto nessa turmas.

1. Leia com atenção o poema do poeta norte-americano Langston Hughes, *I, too*, após a leitura responda as questões propostas.

I, Too
 I, too, sing America.
 I am the darker brother.
 They send me to eat in the kitchen
 When company comes,
 But I laugh,
 And eat well,
 And grow strong.

Tomorrow,
 I'll be at the table
 When company comes.
 Nobody'll dare

Say to me,
 "Eat in the kitchen,"
 Then.

Besides,
 They'll see how beautiful I am
 And be ashamed—

I, too, am America.

Disponível em <<https://www.poets.org/poetsorg/poem/i-too>>. Acesso em 11 nov. 2016.

No primeiro momento, faço com os alunos uma leitura em voz alta e através desse procedimento vamos estudando e concebendo a princípio uma ideia geral sobre qual assunto o texto trata. Logo essa etapa, sugiro alguma perguntas básicas que eles podem responder a partir da tradução construída em sala. Apresentarei logo após de maneira breve um pouco da biografia de Langston Hughes e de seu tempo, a fim de entender melhor o contexto em que o poema foi composto.

- a. Qual assunto o texto trata?
- b. Que tipo de gênero textual pode ser classificado o texto acima?
- c. Explique com suas palavras o verso "*I, too, sing America / I am the darker brother / They send me to eat in the kitchen / When company comes*".

Nesse sentido, busca-se criar no aluno uma percepção crítica relacionando ao contexto histórico e a denúncia que poeta apresenta neste poema. Portanto, entender esse poeta negro americano que viveu no século XX e que descreve uma prática racista. O eu-poético demonstra coragem e resignação ao encarar a atitude racista de ser mandado à cozinha para comer quando há visita na casa onde trabalha, pelo simples fato de ser negro. No entanto, essa personagem enxerga um futuro promissor através dos versos (Tomorrow / I'll be at the table / When company comes / Nobody'll dare / Say to me / "Eat in the kitchen). Todo esse empreendimento trata-se que esse exemplo de atitude racista terá sido superado. E no final ele se considera parte da América. Hughes escreveu *I, too* a partir da perspectiva de um homem americano-africano - seja um escravo, um homem livre no Sul de Jim Crow, ou mesmo um empregado doméstico.

Além desse poema, apresento o seguinte texto.

2. A partir do poema lido anteriormente, agora leia o texto abaixo e perceba se existe algum diálogo entre os textos. Caso exista, comente sua opinião.



Disponível em <http://thenewpress.com/sites/default/files/covers/we_too_sing_america_final.jpg>. Acesso em 12 nov. 2016.

Esta atividade tem como objetivo perceber as imagens presente no cartaz que representam diversos perfis étnicos ao redor do mundo e traçar assim um comparativo com as diversas etnias que também cantam América através do verso “*We sing to America*”.

Além de pensar tais atividades, percebo que alguns livros já tem tratado tais questões tanto no fundamental 2 quanto nos livros de Ensino Médio, trazendo outras opções a fim de se tratar nas aulas algum aspecto realizado ao continente africano.

3. Práticas pedagógicas, intervenções e ações socioeducativas.

Esta parte do portfólio pretende destacar a importância das práticas pedagógicas, bem como as intervenções no contexto escolar. De tal maneira, entendemos que a prática pedagógica é o trabalho de repassar, de transmitir, diversos saberes; também entendido como um processo ligado à teoria e à

prática da docência. Nesse sentido, torna-se importante investigar entender como tem sido conduzido tais práticas e as percepções sobre as mesmas.

Todo o conceito apreendido durante a graduação, e após, nos cursos de especialização precisam ser readequados à realidade dos alunos. Em vista disto, as práticas pedagógicas abrangem diversos conhecimentos que requer por parte dos professores não apenas conhecimento do conteúdo específico, mas também formas de explicação e intervenção. Esta precisa ser feita sempre com o objetivo de melhorar o processo de aprendizagem do aluno.

Sob esse ponto de vista, busca-se um entendimento da prática pedagógica num contexto do ensino da História da África inserindo na perspectiva teórica e prática. Apenas a inserção da teoria dos tópicos relativos à História da África não significa apreensão daquele assunto por parte dos discente. Todavia a transposição entre a prática docente e sua aplicabilidade possibilita que os alunos se transformem e se sintam inseridos naquela realidade em sala de aula.

O assunto abordado em sala de aula necessita fazer um elo significativo entre a realidade vivenciada por ele. O processo de intervenção se credibiliza quando a teoria alcança de maneira significativa na realidade existencial do grande público educacional. Portanto, o trabalho do professor não deve apenas se restringir na execução de tarefas mecânicas, mas antes precisa apresentar um caráter vivo e eficaz. As Ações socioeducativas, também, devem ser que pensadas na aproximação da teoria com a prática, permitindo dessa maneira que os alunos se sintam coadjuvantes desse processo de ensino-aprendizagem.

Enquanto docentes devemos conhecer aquilo que o aluno sabe, deixou de aprender e/ou pode aprender, pois a heterogeneidade existe. A intervenção precisa melhorar o processo de aprendizagem do aluno, logo a o processo de intervenção possibilita um trabalho diferenciado naqueles alunos que precisam de atenção redobrada.

Muitas vezes encontramos no dia-a-dia um currículo inflexível, que não permite abordagens que saiam daqueles padrões exigidos por secretarias de educação. Assim existe a real necessidade de uma mudança na abordagem desse currículos na educação básica, inclusive a respeito das questões étnico-racial nos currículos das escolas públicas.

Sob esse olhar, a professora Nilma Lino Gomes (2012) discorre sobre a tendência que tais currículos tendem a ter. Principalmente no âmbito das

avaliações que segundo Gomes são padronizados tanto a nível nacional quanto internacional, assim havendo lacunas que são incompletas devido à falta de autonomia do docente no seu processo de práticas pedagógicas. Ainda de acordo com Gomes, esse aspecto continua nos currículos proporciona uma estagnação significativa, visto que em contrapartida, a democratização da educação promove o acesso no espaço escolar de sujeitos à margem desse sistema padronizado.

Partindo desse ponto de vista, percebe-se que os currículos devem ser coerentes com a realidade de tais sujeitos. Contudo, não existem métodos ou modelos que tornem o processo de docência fácil, mas a partir dessa ideia pensamos ser um desafio integrar as práticas pedagógicas, intervenções e ações socioeducativas. É no constante estudo e observação que cada professor construirá seus instrumentais que permitirão o sucesso de seus alunos.

[...]

Proposta. s.f. sugestão; aquilo que se propõe

Nossa proposta aqui é também contribuir na ampliação e construção de um proposta socioeducativa que permita ao educando um ambiente mais prazeroso e motivador para aprender alguns dos tópicos afixados nos currículos.

Nilma chegar comenta acerca da necessidade de se questionar os lugares de poder expostos nos currículos brasileiros, questionando o lugar de muitas temáticas.

As questões relativas a História da Africana e a cultura afro-brasileira, há pouco tempo vem ganhando força nos espaços educacionais. A Lei 10.639/03 tornou o ensino da história e cultura afro-brasileira obrigatório nas escolas brasileiras, esse ganho é uma questão considerável no sentido de colaborar na discussão dos processos históricos relativos ao continente africano e ao Brasil. Esta lei também possibilita pensar em novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana de certo que os professores não apenas ressaltem em suas aulas apenas como cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira, mas valorizando os diversos segmentos que possam existir, como um vasto e rico arcabouço imbricadas

através da música, da culinária, da dança, dos pensamentos político-sociais, das religiões de matrizes africanas e tantos outros segmentos.

Como ação educativa este ano de 2016, coordenarei junto com mais dois professores em uma das escolas onde trabalho, Escola Estadual Prefeito Walter Trezza, na cidade de Maripá de Minas, MG, no mês de novembro um trabalho interdisciplinar que comumente não é previsto no currículo tradicional. Pensamos na necessidade de valorizar este mês e também valorizar o dia 21 de novembro como dia da memória de Zumbi dos Palmares.

O projeto tem como objetivo discutir as questões étnica cultural e religiosa no continente africano e no Brasil. A proposta, aqui entendida como ação, vislumbra que o corpo docente da escola preparem atividades nos seus respectivos horários a fim de trabalhar as questões previamente elaboradas no sentido de unir as vozes. Desta maneira, não somente as artes plásticas, a música, a literatura, os movimentos corporais ganharão visibilidade, mas também outras disciplinas como a matemática, a química; disciplinas que muitas vezes são vistas longe dos assuntos pertencentes ao campo das humanidades.

Nesse sentido, à título de ilustração, construiremos uma ponte com os professores de química e biologia que estudarão com os alunos, aguçando a busca pelo conhecimento através da bioquímica do candomblé. Assim, de acordo com os professores de química e biologia poderá se trabalhar diversos aspectos com as ervas utilizadas nos rituais do candomblé, estudando assim de maneira comparativa a botânica e os elementos farmacológicos que possam existir, respeitando de tal maneira o entendimento da cura trazida por tais ervas.

Na matemática, os professores comentaram que poderão trabalhar a geometria histórica. Neste aspecto, remontar ao continente africano é de suma relevância, já que um dos ramos da matemática surgiu a partir de necessidades básicas, a fim de calcular diversos tipos de objetos. No caso da Geometria, ela está intimamente ligada à necessidade de melhorar o sistema de arrecadação de impostos de áreas rurais, e foram os antigos egípcios que deram os primeiros passos para o desenvolvimento dessa disciplina. Além desta questão, todos os anos o rio Nilo inundava suas margens, o resultado dessas cheias era a fertilização dessas áreas, possibilitando o cultivo de alimentos, já que lamas aluviais ricas em nutrientes, tornando o delta do Nilo a mais fértil terra lavrável do mundo antigo. A má notícia consistia em que o rio destruía as marcas físicas de

delimitação entre as possessões de terra, gerando conflitos entre indivíduos e comunidades sobre o uso dessa terra não delimitada.

Desta forma, os faraós deram a tarefa aos agrimensores de avaliar os prejuízos das cheias, além de restabelecer as fronteiras de suas propriedades. Nesse modelo de trabalho rudimentar, esses funcionários esticavam cordas, como instrumentos de medida a fim de marcar os ângulos, tempos depois acabaram por aprender a determinar as áreas de lotes de terreno dividindo-os em retângulos e triângulos.

Essa breve descrição da geometria histórica revela o quão é importante a contribuição dessa sociedade para as sociedades modernas. Ilustramos essa descrição a fim de mostrar o quão importante é a participação do corpo docente na elaboração de projeto conjunto que visa a discussão de tais atividades, já que muitas vezes não envolvia as disciplinas de exatas na discussão da História da África e da cultura afro-brasileira.

Advertimos que é importante ressaltar que esse modelo de aula não deve ser exclusivo, visto como proposta para se trabalhar no mês de novembro, mas sim durante todo o ano letivo com o intuito de que haja maior engajamento por parte dos alunos. Assim sendo o constante tema a ser inserido nos currículos escolares.

Além disso o trabalho conjunto envolvendo as demais áreas dos saberes como: linguagens, filosofia, história, geografia, física podem ser espaços oportunos para se trabalhar as questões raciais tão caras à sociedade brasileira e consolidar na construção de um currículo mais eficaz e vivo na discussão de temas tão atuais.



(Foto 8. Dia da Consciência Negra 2014)



(Foto 9. Performance poética “Favelafrica” do escritor Gato Preto. Dia da Consciência Negra 2014)

Contudo, temos refletido acerca de tais procedimentos realizados com os alunos e vejo que ainda é pouco. Acredito que preciso intensificar o estudo acerca do continente africano e também a realidade da cultura afro-brasileira, contudo essa realidade trata-se de uma questão desafiadora.

Considerações Finais

O presente portfólio teve como propósito ser mais um instrumento de reflexão e entendimento dos meses que decorreram o curso de especialização lato sensu em História da África promovido pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Por meio das memórias, intenções, propostas e intervenções redigidas, busquei através dessas escriturações alguns dos momentos que este curso me possibilitou através de discussões sólidas e firmes entorno de dimensões que abordassem diversos segmentos que hoje precisam ser refletidos por toda a comunidade escola referente ao continente africano tratando de maneira indiferente.

Temáticas relacionadas as representações sobre a África; Memória, Identidades e Cultura Escolar; Oralidade, Narrativas e Temporalidades; História das Sociedades Africanas; Dimensões sociais na África: Religião, Gênero e

Trabalho e Dimensões Culturais e Artísticas na África contribuíram na intenção de melhorar o ensino brasileiro mediante a inserção da lei 190.639/03. Neste sentido, a especialização evidenciou de maneira positiva o universo da rica produção acerca da história da África que atualmente tem sido produzida por estudiosos da área de humanas com a finalidade de aplicar todo esse arcabouço histórico, literário, cultural nas salas de aulas em todos os segmentos ofertados na educação brasileira.

A realização desta especialização ainda me proporcionou a pensar em iniciativas concretas que podem agregar intervenções no tratamento de como a história da África atualmente tem sido tratada ou até muitas vezes não ofertadas nas salas de aula.

Essa postura de escrever, pensando nessa trajetória; aponta para uma educação que projeta a valorização da diversidade étnico-racial mediante as discussões sobre a África e a questão afro-brasileira nos currículos educacionais brasileiros.

Acredito, assim, que as diversas opiniões e experiência de outros colegas educadores me fez pensar a cada encontro um pouco mais. Atualmente, sabe-se que o Brasil é o segundo maior país com população negra do mundo, atrás apenas da Nigéria. Assim releva o quanto é fulcral trabalhar a presença de elementos das sociedades africanas trazidas através da diáspora para o Brasil, pois o Brasil também é resultado desse processo.

Referência

- AMÂNCIO, Iris Maria da Costa; GOMES, Nilma Lino; JORGE, Miriam Lúcia dos Santos. **Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Previdência da República, Casa Civil, Subchefia para assuntos jurídicos. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em 07 jan. 2017
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**. Lisboa: Sá da Costa, 1978.
- CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiências colonial e territórios literários**. Cotia: Ateliê, 2005.
- HONWANA, Luís Bernardo. **Nós matamos o Cão-Tinhoso**. São Paulo: Ática, 1980.
- JUNIOR, Valdemar Valente. Guerra civil Angolana. **Revista Língua & Literatura**, Itapajé, v. 16, p. 225 – 227, 2014.
- LARANJEIRA, Pires. **Literaturas Africanas de expressão Portuguesa**. Lisboa, Universidade aberta, 1995.
- LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MAZRUI, Ali A; WONDJI, Christophe. **História geral da África VIII: África desde Brasília**: UNESCO, 2010.
- NOA, Francisco. **Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária**. São Paulo: Kapulana, 2015.
- ONDJAKI. **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.
- SECCO, Carmem Lucia Tindó. **A magia das letras africanas ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos**. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.
- SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: da teoria à prática escolar**. Recife: UFPE, 2005.
- Dias Melhores da banda mineira Jota Quest. Disponível em: <<<https://www.letras.mus.br/jota-quest/46686/>>>. Acesso em 19 jun. 2016.